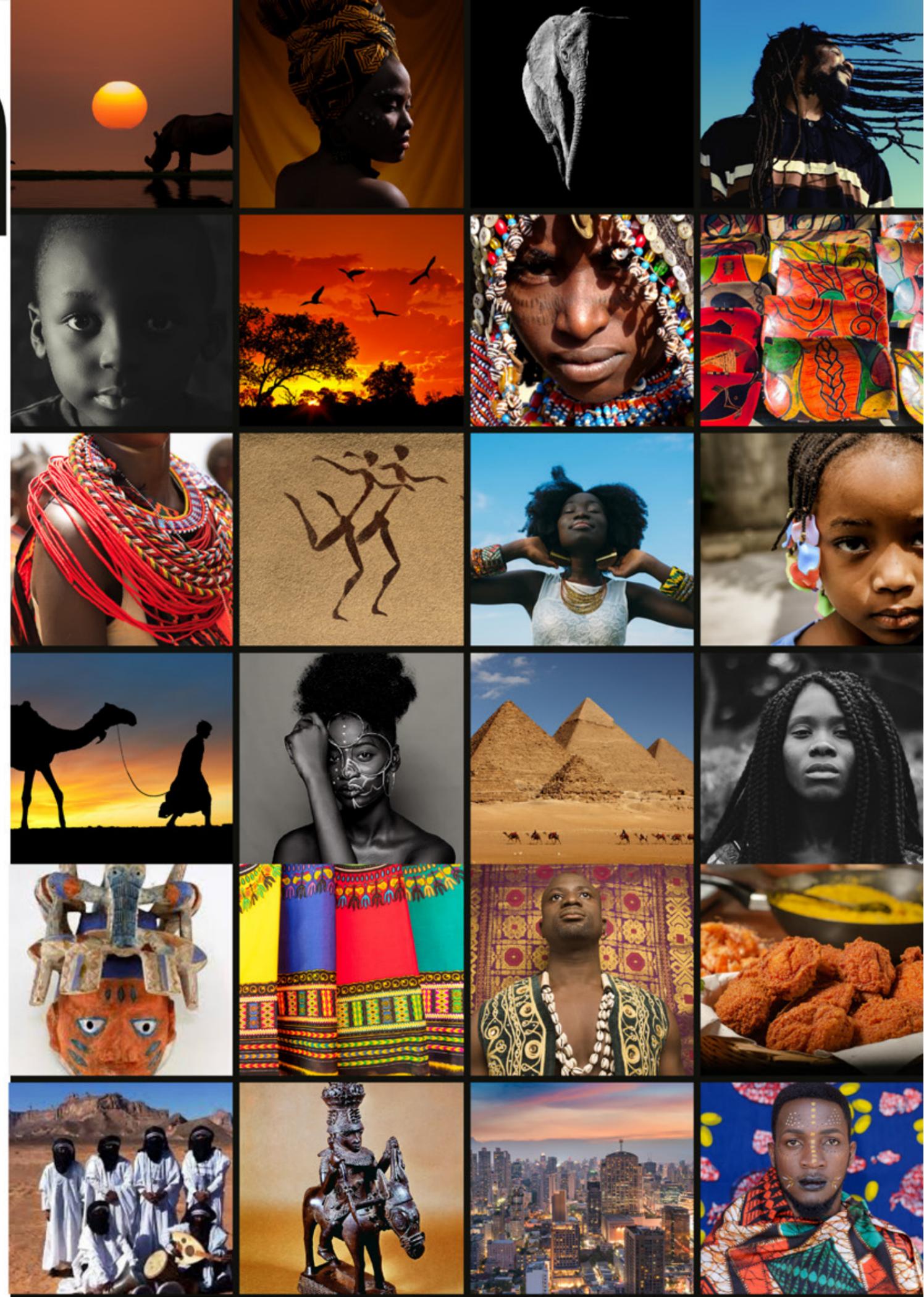


African idades

A revista do MAFRO



Número zero
Outubro de
2020



Em Outu bro:



Editorial	05
Por Dentro do Museu	09
A semântica do Tambor...	11
Territórios	13
Artes Visuais - Aislane Nobre	15
Celebrações - Bebel Nepomuceno	19
Teatro - Cássia Vale	23
Musicalidades - Gilberto Santiago	29
Teatro - Gildon Oliveira	33
Afro Futurismos - Jamile Borges	37

Culturas e Objetos - Joseania Miranda	43
Investigações - Juipurema Sandes	51
Cinema e Literatura - Jusciele Oliveira	55
Vivências - Luzia Gomes Ferreira	61
Cinema - Maíra Zenum	67
A Revista do Mafro - Marcos Rodrigues	81
Artes Visuais - Nelma Barbosa	85
Letras e Músicas - Tiganá Santana	89
Teatro - Vera Lopes	93

Editorial.



Marcelo N. B. Cunha
Coordenador do MAFRO

Este número Zero materializa um desejo que não é de hoje, nem decorrente exclusivamente desse momento, no qual estamos, compulsoriamente, isolados fisicamente e, no entanto e paradoxalmente, mais conectados do que nunca. Tal desejo, que é antigo, está relacionado à nossa constatação de que o Museu Afro-Brasileiro precisa ampliar os seus canais de comunicação e escuta, inclusive para alimentar-se para o reforço das abordagens que realiza através de suas exposições, atividades culturais e educativas, entre outras, a partir do diálogo com pessoas que vivem, produzem e refletem africanidades.

Lançada, em formato blog, na simbólica data de 27 de setembro, como parte das atividades da 14ª. Primavera dos Museus, iniciativa do Instituto Brasileiro dos Museus - IBRAM, que nessa edição teve o tema: Mundo Digital – Museus em Transformação, nossa revista agora se apresenta em seu projeto editorial definitivo, e para tal, decidimos apresentar o mesmo conteúdo da edição inaugural.

Este é um projeto artesanal, o que para nós é um valor agregado e que muito nos agrada. Sua criação e produção é realizada pela equipe de museologia do museu : Amélia Costa, Ilma Vilasboas e Morgana Dávila, juntamente comigo e em trabalho remoto e articulado. No entanto, a concretização dessa proposta só é possível por contarmos com um time de colaboradores e colaboradoras que, no primeiro contato e convite, responderam positivamente. A cada pessoa envolvida, nosso agradecimento enfático. A ideia é de que a cada número sejam publicados escritos desses parceiros, em sessões como as já previstas:

A sessão "Por dentro do Museu", com artigos da equipe do MAFRO e convidadas e convidados, será dedicada a temas e informações relativas ao Museu, seu acervo e questões correlatas; Na sessão "Territórios", colaboradores e colaboradoras falarão de suas ações em Teatro; Afro-Futurismo; Literatura; Cultura Material; Imprensa; Cinema; Musicalidades; Memórias Pretas; Artes Visuais; Ciência e Tecnologia; Educação, e outros temas que desejem apresentar. Em algumas edições veicularemos dossiês temáticos, com o objetivo de reunir reflexões específicas.

Neste número inaugural convidamos pessoas a escreverem sobre as suas relevantes trajetórias pessoais e profissionais, falando de si, pois acreditamos que este é um grande tema a ser tratado, as histórias de vida, estratégias, conquistas resultantes das suas ações e articulações coletivas. Pretendemos, a cada nova edição apresentar tais relatos.

Para além de artesanal, e também por isso, esta é uma Revista em processo. Desejamos boa leitura e diálogos inspiradores.

Conjunto de Ifá - madeira , marfim, cocos de dendê, búzios - objetos utilizados no processo oracular de Ifá (República popular do Benin).



Esculturas em Madeira.
Acervo MAFRO

Por dentro do Museu.



Prédio da Faculdade de Medicina - UFBA,
onde está o Museu Afro-Brasileiro
foto autor desconhecido

A Semântica do Tambor.

Você sabe o que é um tambor falante?

Ao longo dos séculos, a humanidade desenvolveu diversas formas e meios de comunicação, o tambor falante é um exemplo. Em algumas partes da África subsaariana, o tambor não era apenas um instrumento musical: fazia parte de um sistema de comunicação. Por meio da percussão, as informações percorriam longas distâncias, de forma rápida e precisa, possibilitando a tomada de decisão e determinando o curso de ações.

Todavia, para que a comunicação seja eficiente, é preciso que o interlocutor e o ouvinte dominem o mesmo código, tornando o conteúdo que está sendo transmitido inteligível. Na semântica do tambor, é preciso considerarmos que a maioria dos idiomas africanos são tonais. Isso quer dizer que, conforme a entonação dada, uma mesma palavra pode ter significados distintos. A linguagem do tambor, então, deveria reproduzir essa variação tonal, mais aguda ou grave.

Tambor falante, confeccionado em couro, madeira e cordas. Origem: Nigéria. Sem data. Acervo Museu Afro-brasileiro da UFBA



Porém, ainda havia outra questão: a variação linguística. Uma entonação correspondente a uma palavra e a determinado significado em uma língua africana, poderia corresponder a algo completamente distinto em outra, causando ambiguidades e perdas semânticas. Para resolver essa questão, os percursionistas acrescentavam um pequeno contexto, de forma que, ainda que uma dada entonação tivesse variadas significações, ele determinaria qual o sentido empregado naquele momento, eliminando qualquer dúvida. Exemplificando: “Eles não diziam apenas “cadáver”, preferiam elaborar: “que jaz de Exemplificando: “Eles não diziam apenas “cadáver”, preferiam elaborar: “que jaz decostas sobre montes de terra”. Em vez de “Não tenha medo”, diziam: “Faça o coração descer da boca, tire o coração da boca, obrigue-o a descer daí”” (GLEICK, 2013, p 13). Assim, o tambor conseguiu tornar-se um meio de comunicação eficaz, utilizado durante séculos. O surgimento de novas tecnologias e a difusão de outros meios de comunicação fizeram com que tal pratica fosse cada vez menos demandada, tornando-se escassa nos dias atuais.

Fontes:

Documentação de acervo do Museu Afro-brasileiro da Universidade federal da Bahia;

GLEICK, James. A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 528 p. ISBN: 978-85-3592-266-0



**Amélia
Costa**

Museóloga
MAFRO-UFBA.

**Ter
ritório
rios**

Artes Visuais



Aislane Nobre

Nasci em novembro de 1989, na ilha cercada de pedras, antes habitada pelos Tupinambás, que a batizaram como Ilha de Itaparica. Foram nessas águas que passei a minha infância e adolescência, compartilhando com os meus familiares paternos e maternos as suas memórias. Fui criada por meus pais na casa dos meus avôs paternos. Apesar de sempre estar rodeada de afeto e amor, as primeiras vivências que me fizeram entender o que era racismo se deram dentro do âmbito familiar, tendo como agravante o fato de fazermos parte de uma família inter-racial, na qual as comparações, os apelidos e a definição dos padrões de beleza são constantes. “Portanto, pode-se afirmar que, mesmo em relações com vínculos afetivos sólidos e amorosos, é possível manter e legitimar as hierarquias raciais construídas em uma sociedade racista” (SCHUCMAN, 2018, p.110) .

A minha cor de pele, negra, a textura dos meus cabelos, crespos, o tipo do meu nariz, largo, atraia olhares de desprezo ou reprovação. Ao me tornar adulta pude perceber que ao sair do território familiar, rompendo o laço afetivo do cotidiano, vivenciamos, de forma ainda mais violenta, o impacto da diferença racial. Isso me inquietou e ainda me inquieta, de tal forma que ao escolher o curso de bacharelado em Artes plásticas, como caminho profissional, foi difícil dissociar a minha vivência e os meus traumas do meu fazer artístico.

Ao adentrar o mundo acadêmico, percebi que existia um mar entre nós, águas infinitas da diferença, que começam na ausência de docentes negras/os. Além disso, também era pequena a parcela dos discentes retintos. As disciplinas, pesquisas e livros não contemplavam a minha realidade enquanto mulher afro descendente, o que tornou ainda mais necessário debater sobre esse assunto nesse espaço “não neutro”, (KILOMBA, 2018).



Em busca da emancipação e de encontros mais profundos com as minhas raízes ancestrais, durante a graduação em Artes plásticas na Universidade Federal da Bahia realizei duas exposições individuais no Museu Afro Brasileiro da UFBA-MAFRO, "Ipele Awó: a origem da cor" (2012); e Imagens da Ancestralidade em Tramas da Pele (2016). Abordei, em ambas, a origem da cor da minha pele e a origem da cor no Candomblé Nagô e Ketu.

Paralelamente, prestei serviço como Arte educadora no MAFRO, por cinco anos (entre 2011 e 2016), onde pude aprofundar a minha investigação artística sobre a arte Africana e Afro brasileira. No Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira, dei continuidade à minha trajetória na área museológica, aproximando o meu fazer artístico da história, da memória e da cultura afro-diaspórica, atuando no MUNCAB como assistente de museologia, entre de 2016 a 2018.

Em 2019, participei de uma exposição coletiva internacional, "Circuito de Arte Negra" no México, da residência "Fluxos - acervos do Atlântico Sul ", promovida pelo Intervalo - Fórum de Arte e de diversos projetos em colaboração.

Atualmente faço mestrado em Processo de Criação Artística pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFBA), financiado pela agência CAPES. Integro o Grupo de Pesquisa Arte Híbrida, onde desenvolvo a pesquisa em processo criativo que debate a construção social da cor de pele como marcador da racialização dos corpos negros. É voltando ao passado, rememorando a minha puerícia, a intensa ligação com meu avô paterno, Arivaldo, que ajudou a fortalecer a minha identidade e as situações de racismo cotidiano, experimentadas dentro e fora do seio familiar, que expresse a minha subjetividade artística.

Na minha pesquisa de mestrado, o objeto de investigação é a epiderme, com ênfase, metodológica, nas minhas cores de pele e nas cores da pele de dezoito familiares paternos, bem como na investigação do corpo da modelo Karine Guimarães, que apresenta um tecido epitelial com áreas despigmentadas, em razão do vitiligo. É a partir do registro fotográfico dessas cores, reunidas e classificadas no transcurso do processo de desenvolvimento do que denomino Paleta Epidérmica Temporal (PET), que produzo as obras resultantes dessa pesquisa, combinadas com as seguintes técnicas: transferência do thonner, pinturas/tingimento, instalações e vídeoarte.

Problematizo, assim, o paradigma da cor da pele como uma comunidade, pressuposto que orienta a produção de artistas contemporâneos em suas múltiplas poéticas, abrindo sendas para discussões sobre o ideal da cor de pele, o apagamento social-simbólico do corpo negro na história da arte, a resistência da cor e a resistência social, o tempo e a memória.

Celebrações



Bebel Nepomuceno

O PPGMUSEU, o Museu Afro e a abertura à interculturalidade.

Em 2014, participei da seleção para Pesquisador/Docente com Bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) do Programa de Pós-Graduação em Museologia do Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Apresentei o projeto de pesquisa intitulado “Áreas de Culturas Negras ao Sul do Atlântico - De uma história eurocêntrica a perspectivas post-coloniais”, com foco em expressividades, linguagens, celebrações, performances, práticas e heranças de grupos afrodescendentes, sobretudo rurais, tema a que me dedico já há alguns anos.

Em meio ao entusiasmo pela aprovação e à expectativa de viver a/na Bahia, particularmente Salvador, advieram as dúvidas: como minha pesquisa poderia se enriquecer no âmbito de um Departamento de Museologia, incorporada a uma linha de pesquisa em Museologia e Desenvolvimento Social? O que eu, vinda de graduação em Comunicação Social/Jornalismo, com especialização em História da África, e Mestrado e Doutorado em História Social, ambos com foco na diáspora africana, teria a oferecer ao programa, uma vez que havia a obrigatoriedade de atividades de docência? Ao fim, o sentido do desafio foi mais forte.

A perspectiva inter e transdisciplinar, alicerçada nos Estudos Culturais e em vertentes dos estudos pós-coloniais, perpassam minha trajetória acadêmica pois, como pontua o filósofo e teórico argentino Enrique Dussel (1966), desconstruir o pensamento imperial, ou a colonialidade do saber, isto é, a perspectiva eurocêntrica como única forma válida de conhecimento, requer “uma pedagogia crítica e fortemente ancorada na ‘interculturalidade’, de forma a permitir a emergência de outros paradigmas e a restituição do direito à enunciação epistêmica” (DUSSEL, 1996).



O desejo de ampliar conhecimentos e redes de troca, estabelecendo novas interlocuções teóricas, me levou a encarar um campo do saber praticamente desconhecido para mim. O Programa de Pós-Graduação em Museologia representava, então, a chance de entrar em contato com diferentes abordagens, autores, concepções e percepções, sobretudo acerca da cultura afro-brasileira, principalmente considerando um passado dos museus de consolidação de “discursos e sinais sobre a presença negra carregados de lugares comuns, conceitos e preconceitos” (CUNHA, 2006), em contraponto a reflexões do presente que buscam rever formas de representação culturais de grupos não hegemônicos.

Ao longo do estágio pós-doutoral a pesquisas sofreu ajustes, passando a focar em práticas e expressividades de grupos subalternizados nas “festas de largo” de Salvador e região do Recôncavo, com vistas a apreender significados políticos e transgressões utilizados como afirmação de suas identidades, em confronto à opressão e dominação racial e em oposição a dispositivos de exclusão social. Além de acompanhar festas e celebrações, levantei bibliografia sobre o tema, me inteirei sobre a amplitude do campo museal, visitei candomblés e fiz uma espécie de etnografia pela vida e espaços baianos. As diferentes vivências possibilitadas pelo estágio foram fundamentais para ampliar meu escopo de conhecimentos.



Festa de Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Cachoeira - Bahia. 2015. Foto: Marcelo Cunha

Assim, saúdo com muita alegria a chegada da Revista do Mafro-Africanidades, que nasce com espírito e sentido intercultural, abrindo-se a colaboradores e pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, propondo-se a ser canal de difusão dos plurais universos africanos e afro-diaspóricos.

[1] Doutora em História Social pela PUC-SP. Cumpriu estágio Pós-Doutoral no PPGMuseu entre dezembro de 2014 e setembro de 2016 com bolsa PNPd-CAPES. Atualmente integra Projeto de Mapeamento das Comunidades Tradicionais de Matriz Bantu na Região Metropolitana de São Paulo, coordenado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Paulo (NEAB/UNIFESP).

Teatro



Cássia Valle

Cumplicidade objetiva entre vida e arte

Em 25 de janeiro de 1991 o Bando de Teatro Olodum entra em cena, pela primeira vez num casarão que pertence à Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, no Centro Histórico de Salvador, o prédio é considerado patrimônio mundial da humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura). Atualmente abriga também dois museus ligados a UFBA, o MAFRO (Museu Afro-Brasileiro) e o MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia).

O Bando, atravessou três décadas de trabalhos ininterruptos, chegamos em 2020 com um elenco de 18 atores cujo os quais 70 % são o núcleo de 1991 homens e mulheres de diferentes gerações na faixa de 19 a 60 e poucos anos. Todos somos negros, Artistas que administram bem a difícil equação entre teatro e sobrevivência. Alguns, principalmente as mulheres investimos na vida acadêmica, em 1993 ingresso no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia após uma colega do bando 1 tecer comentários entusiasmados sobre o curso, sim é através do bando que encontro informações sobre o curso de museologia.

A trajetória do bando é peculiar dentro da produção cultural de uma cidade onde cerca de 80% da população é negra. Engajado numa linguagem cênica contemporânea, o grupo é comprometido com um teatro indignado, mas sem perder o humor. Nossas peças mesclam humor e desmascaramento racial, leveza, ironia, diversão, densidade e militância, além de uma cumplicidade orgânica entre vida e arte. E na busca de expandir possibilidades e caminhos encontro o curso de museologia e mestres que vão me orientar em espaços educativos para além das fronteiras da universidade sobre militância e cumplicidade objetiva entre arte e vida sobre a ótica da museologia.



Enquanto museóloga, tenho como missão ampliar o acesso aos bens culturais, por meio do desenvolvimento de processos museológicos de forma integrada e articulada com as minhas atividades de artista e gestora cultural do Centro de Pesquisa Moinhos Giros de Arte, para a formulação e o desenvolvimento de ações de preservação, de pesquisa e comunicação que estimulem o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural e da historicidade local, nas dimensões simbólica e cidadã, fomentando uma cultura de conhecimento para transformação dos sujeitos envolvidos e da realidade local, garantindo o direito à memória .

Em 23 outubro de 2017, no Festival A Cena Tá Preta, produzido pelo Bando de Teatro Olodum, estreio na literatura com o livro Calu uma Menina Cheia de Histórias escrito em coautoria com Luciana Palmeira (Museóloga, historiadora, Escritora especialista docência do ensino superior e elaboração de metodologia específica de educação para o patrimônio), ilustrado por Maria Chantal, designer, estilista e modelo. Todos os seus trabalhos têm a missão de valorizar a autoestima negra a partir do conhecimento da sua própria história. E editado pela Editora Malê.

A carga histórica dos responsáveis pela obra literária reforçam a abordagem negroreferenciada pelo viés da posituação na construção do seu discurso que trata de questões voltadas para a identidade, diversidade, ancestralidade, memória, preservação, patrimônio e museu por meio do uso de linguagem acessível às crianças visando a representatividade e o empoderamento.

Calu é uma personagem negra, escrito e ilustrado por três mulheres negras. Dessa forma, já nasce com uma missão específica de conectar a discussão sobre questões étnico-raciais para o público infanto-juvenil. 12 dezembro 2017 a Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Realiza sua premiação anual e o prêmio de melhor livro infanto-juvenil do ano de 2017 é conquistado por Calu.

A nossa participação enquanto autoras negras em eventos literários são instigantes para o debate sobre os campos de criação, circulação, distribuição e mediação dos livros elaborados por escritores e escritoras negros. As feiras e festas contribuem para divulgar as iniciativas para a promoção destas obras, estimular o debate literário, aproximar autores e leitores e facilitar o acesso às obras destes autores, aproximar editores, livreiros, distribuidores, educadores e autores, de forma que a literatura negroreferenciada chega aos leitores potenciais. Calu anuncia que representatividade importa.

A história é retroalimentada pela magia com que conquista os seus leitores e vai ganhando novos formatos, o bloquinho de poemas e Canções da Calu e o Sarauzinho da Calu; o Sarauzinho da Calu inaugura a minha imersão no universo da dramaturgia e direção teatral consequência das investigações de processos artísticos sobre teatro, literatura, representatividade, tradição e memória para o teatro infanto-juvenil. Suas congruências e a transformação dessas pesquisas em partituras cênicas sintonizadas com a valorização das raízes do universo Afro-diaspórico resultaram na criação de um projeto cênico que com ares de representatividade e afeto. De forma lúdica, criativa e transformadora, retrata a transmissão de conhecimento através da oralidade, como contação de histórias, poemas e canções infantis compostas especialmente para o espetáculo pelo diretor musical Cell Dantas (ator e músico do Bando de Teatro Olodum).

O Sarauzinho utiliza a ferramenta da poesia, música e literatura infanto-juvenil para falar de identidade, representatividade e empoderamento. As memórias dos leitores, inspiradas pela narrativa de Calu, são registradas e contadas no bloquinho complementando e recriando esse universo carregado de símbolos da cultura afro-diaspórica.

Nesse percurso aqui apresentado estão lembranças; soma-se também conteúdo e percepções surgidos a partir do estudo das fontes teóricas que alicerçaram a minha trajetória profissional no teatro, na museologia, arte-educação e literatura. Junto a tudo, os imprescindíveis bloquinhos de anotações foram revistos.

Foram assim resgatadas histórias e referências quase esquecidas, que revelam o itinerário de um processo de construção de cumplicidade objetiva entre a vida, o teatro, a museologia e a literatura. Resultado do contato entre teoria e prática, no meu fazer profissional porque as coisas que a gente faz, conhece ou sabe, são o produto de uma complexidade de influências que se misturam. Transformam-se e participam de nossas vidas.

CÁSSIA VALLE, atriz, gestora cultural, museóloga, historiadora, psicopedagoga, escritora, especialista em Arte e Patrimônio Cultural (FSBB) Faculdade São Bento da Bahia e elaboração de metodologia específica de educação para o patrimônio.



Imagem de divulgação "Sarauzinho da Calu". Não encontramos referencial de autoria.

Musicalidades



Quem é Gilberto Santiago:

Músico, educador e gestor baiano. Bacharel em Comunicação Social pela UNIFACS, e música na UFBA, atualmente é mestrando em educação musical também pela UFBA. Por três vezes foi contemplado com o Troféu Caymmi nas categorias: Melhor instrumentista (percussão) em 2000, Categoria Especial com o Grupo Thris (três violoncelos e percussão) 2001, e com o Grupo de Percussão da UFBA em 2004.

É membro efetivo da Orquestra Sinfônica da Bahia há 20 anos e músico da Escola de Dança da UFBA há 8. Tem atuado como compositor de trilhas para dança e audiovisual. Desenvolve atividade constante como camerista convidado, maestro e compositor do Grupo de Percussão da UFBA, tendo obras gravadas no 1º e 2º cds deste.

Compôs para BTCA a trilha Caleidoscópio, para coreografia homônima de Ajax Viana, trilha para o espetáculo Mulheres de Asè, de Edleusa Santos, trilha para o programa de TV infantil A tuma da Àrvore, (veiculado na TVE e TV UNIFACS) e a série A postos, de autoria de Clarissa Braga. Compôs trilha para os espetáculos Ziriguidum e Com o que Sonhamos do GDC UFBA e para o filme Ruínas de Daniela Guimarães.

Dentre suas composições, destacam-se a sua obra Abertura Percussiva, que foi executada pelo Grupo de Percussão da UFBA em mais de 74 cidades brasileiras, na Europa, Estados Unidos e gravada no 1º CD do Grupo, e a canção Batuquinho, para o CD ELLA, da cantora Mariella Santiago, uma das 50 músicas selecionadas no Festival de Educadora 2015.

É membro fundador das Orquestras Afrosinfônica e Sinfônica Popular Brasileira de Camaçari. Implementou e foi o Coordenador do 1º Projeto Pedagógico de Musicalização Infanto-Juvenil, através do ensino orquestral, da SEDUC-CAM nos anos de 2011 e 2012, gerido pela da Cidade do Saber em Camaçari. Atualmente é o diretor de música e gestão da ONG Casa da Ponte e do Núcleo Moderno de Música, escola criada há 10 anos em parceria com o maestro Ubiratan Marques.

O novo como trajetória que alimenta os percursos

Filho de uma professora, com um artista e petroleiro, cresceu com seus irmãos e parceiros de arte, num ambiente de flexibilidade, compreensão de aptidões e abertura, numa espontânea pedagogia moderna, aliada a uma constante oferta de arte em suas vidas. Nunca um modelo predefinido, apesar de uma implícita áurea artística. Sempre tendo o apoio e investimento árduo em tantas experiências quantas fossem possíveis e desejáveis.

Muitos percursos e por vezes, simultâneos caminhos à escolher, mas a certeza aprendida em casa, de que a identidade se desenvolvia no prazer, na cumplicidade, e numa sensação de conexão íntima e pessoal com cada experiência artística e de vida. Começou a estudar música aos 17 anos, no curso Básico da EMUS-UFBA, com o professor Fernando Santos, graduando-se mais tarde com o professor Dr. Jorge Sacramento, que também foi discípulo do mesmo professor.

Em 1997, ganhou o prêmio Bahia Aplauda Ano V, como melhor espetáculo infanto-juvenil, com o musical "Auê, Um Programa Infantil", do grupo músico-teatral Barra Manteiga. Em 2009, juntamente com o maestro e pianista Ubiratan Marques, fundou em Salvador, o Núcleo Moderno de Música, escola pioneira em transitar de forma acolhedora pelos conceitos da música popular e da música erudita. No Núcleo, implementou o curso de Percussão com Ênfase em Teclados, onde lecionou aulas de música de câmara percussiva e vibrafone.

Em 2014, criou em parceria com a Bamuca (Banda Municipal de Camaçari), o curso OGRUPE (Percussão Orquestral para Grupo), onde, ministrando aulas gratuitas para jovens da rede pública de ensino, fundou também, o GPCAM, 1º Grupo de Percussão Orquestral de Camaçari. Foi um dos produtores musicais do DVD ELLA é do Brasil de Mariella Santiago, contemplado no Natura Musical, e do CD Branco, da Orquestra Afrosinfônica, contemplado em edital Setorial da Secult-Ba.

Teve também, a oportunidade de tocar com importantes nomes do cenário nacional e internacional como Hermeto Pascoal, maestro Duda do Recife, maestro Isaac Karabtchevsk, maestro Júlio Medalha, maestrina Ligia Amadio, o tradicional sambista baiano Riachão, Chico César, Maria Alcina, Pepeu Gomes e também participou do DVD Music in High Places, da cantora americana vencedora do Grammy, India Arie, filmado na Bahia em 2002.

Atua como músico profissional há aproximadamente 29 anos. Juntamente com seus irmãos e parceiros musicais, o bacharel em Contrabaixo Acústico pela UFBA, Ângelo Santiago e sua irmã, a cantora, compositora e jornalista, Mariella Santiago, gravaram 2 cds e 1 DVD, da obra de Mariella. Desde 2018 desenvolve o projeto do DuOrigem com Ângelo Santiago.

Em 2016, foi premiado com a Bolsa Funarte para artistas e produtores negros, para produção de 1 cd e songbook com suas obras e histórias da sua trajetória composicional, o projeto Batuques Sinfônicos. Em 2019, foi homenageado pelo naipe de percussão da OSBA, num Concerto comemorativo dos seus 20 anos de carreira composicional dedicada à percussão, no Goeth Institut.

Teatro



Gildon Oliveira

Sou Gildon Oliveira. Sou negro. Sou artista e professor. Tenho aqui um desejo de compartilhar ideias e discutir temáticas para os olhares que se aguçam e acreditando na força do encontro, me alegro em ser colaborador da Revista do Mafro – Africanidades, louvando a disposição do Museu em colocar-se, como mencionado no convite, “como espaço de difusão de questões importantes para o entendimento do universo africano e afro-diaspórico, a partir de questões relacionadas ao passado ou ao presente.”

Não farei promessas de grandes reflexões, porque me interessam as pequenas, as que pertencem ao ordinário, aquelas repetições que reforçam sistema e garantias do mesmo status, do mesmo estado para as majorias que são minorizadas.

Comprometo-me com a disposição de provocar discussões sobre identidades negras, realidades negras, negritudes. Se puder me valer da arte e ensaiar outras dinâmicas de enfrentamentos, ficarei satisfeito nesse exercício de deixar algumas coisas bem pretas, pois tenho algumas inquietudes que ditarão o tom das escritas, mas o que mais me seduz para essa empreitada é a certeza de que não traçarei nenhuma linha só. Outras palavras vieram antes das minhas, algumas outras se unirão as minhas e faremos caminhos para tantas palavras que virão compor esses registros.

Tenho interesse especial em pensar arte feita por pessoas negras e discutir perspectivas de representação, representatividade e identificação, partindo do ideal de que a arte pode e deve mais provocar do que dar respostas. E que é fundamental e urgente discutir o campo onde a arte negra é produzida e está inserida para reconhecer e modificar padrões opressivos e regimes de manutenção de privilégios que excluem práticas artísticas negras alijando existências afropotentes.

Espero que essa iniciativa tenha um caminho longo e nos proporcione a troca, a multiplicidade, a generosidade do compartilhar impressões de mundo e subjetividades.

Até as próximas palavras. Até as próximas linhas.

Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA tendo como linha de pesquisa a dramaturgia. Especialista em Roteiros para Audiovisual e Graduado em Rádio e Tv. Atua desenvolvendo dramaturgia para Teatro, Cinema e Televisão. É professor de roteiro e dramaturgia em instituições de ensino superior desde 2014.

Dentre seus trabalhos, destacam-se: Oficina de Teledramaturgia para Novos Autores da Rede Globo (2010); Café e Outras Pessoas (2011) – Concurso Público de Apoio ao Desenvolvimento de Roteiros Cinematográficos Inéditos de Longa Metragem – MinC; Olorum (2012) – Espetáculo infantojuvenil indicado ao Prêmio Braskem na categoria melhor texto ; Finalista do Concurso Nacional de Roteiros de Aguinaldo Silva (2013) com o trabalho Na Boca do Mundo, A Boca da Serpente; Avesso espetáculo teatral infanto-juvenil (2016) indicado ao Prêmio Braskem na categoria melhor texto dramático; Das “coisa” dessa vida – Espetáculo teatral (2019) e Vermelho Melodrama – Espetáculo teatral (2019); indicado ao Prêmio Braskem na categoria melhor texto dramático; Beleza da Noite – Criação e roteirização do Especial de fim de ano da TV Bahia integrando o Programa de Expansão de Dramaturgia da Rede Globo (2020)

Espectáculo: Das "Coisa" dessa Vida.
Texto: Gildon Oliveira
Direção: João Miguel
Em cena: Ricardo Fagundes
Fotos: Diego DiSousa



Afro Futurismos



1970 : Jamile Borges da Silva.

Nasci no bairro da Liberdade, bairro que já foi considerado o mais negro da cidade de Salvador, na rua da feira, que ligava a avenida principal – av. Lima e Silva – às ruas que desembocavam em labirintos humanos, pretos, pobres e potencialmente atentos a dinâmica de um mundo em transformação que seguia nos invisibilizando a despeito de nossa numerária e forte presença em algumas cenas já bastante conhecidas da cidade de Salvador, a ‘velha mulata’, palco das melhores histórias, vividas, contadas e inventadas.

Filha caçula de uma família de onze irmãos – seis mulheres e cinco homens – estudei do ano ginasial até o ensino médio na Escola Estadual Duque de Caxias, onde desenvolvi o gosto pela vida política ainda nos estertores da transição do regime ditatorial para a incipiente democracia que se firmaria na constituição de 1988, tendo participado ativamente do movimento estudantil - organizando, por exemplo, o grêmio estudantil daquele colégio numa época em que todas as agremiações escolares levavam o nome de ‘centro cívico’ - entre os anos de 1984 a 1987, quando entrei no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia.

A questão racial tardaria a chegar para mim como tema de reflexões acadêmicas, embora, como toda mulher negra nesse país, tenha sido alvo de discriminações – visíveis ou subliminares - numa cidade que vivia sob os auspícios de uma modernidade que tardava a chegar. A Salvador celebrada nos tecidos afirmativos e nas narrativas épicas do bloco Ilê Ayê se afirmava como um território de profundas desigualdades demarcando a segregação socioespacial e econômica que se tornaria mais presente em minha vida nos trânsitos diários entre o bairro da Liberdade e o de Ondina e adjacências onde estão os campi da UFBA.



Aí começa uma intensa troca intelectual com colegas de diferentes cursos e com professores e professoras que se tornariam referência em meu processo formativo, desvelando as raízes e rotas do racismo estrutural e da formação da sociedade brasileira em leituras que me aproximaram da produção dos cânones das humanidades – Escola de Frankfurt, Escola de Chicago, Escola dos Annales – aos intelectuais brasileiros (poucas mulheres intelectuais foram referenciadas nos programas de curso) Caio Prado, Gilberto Freire, Otavio Ianni, Gilberto Velho, Roberto da Matta, Escola de sociologia paulista, poucos ou inexistentes intelectuais andinos/as e africanos/as.

Ao fim da graduação, tendo elaborado um trabalho de conclusão na área da antropologia cultural – com uma pesquisa sobre socioantropologia da música na Bahia – me encontro com uma chamada para uma bolsa de iniciação científica na Faculdade de Educação, no núcleo de currículo onde passo a investigar os meandros e os discursos que conformavam a cena nacional e internacional sobre epistemologia do currículo e sobre a relação entre a categoria ‘trabalho’ e produção do conhecimento enquanto substrato das matrizes curriculares de nossas escolas. Essa experiência foi central em minha formação como intelectual.

Essa experiência foi central em minha formação como intelectual. Naquela altura era impensável tratar de relações étnico-raciais, gênero ou o campo da teoria crítica na faculdade de educação considerando que sequer havia linha de pesquisa consolidada sobre o tema.

Aqui começa minha reaproximação com os colegas da área da antropologia. Fui convidada a participar de um projeto para construir um embrião daquilo que viria a se tornar o Museu Afrodigital da memória afro-brasileira.

Naquela época, começo a articular duas áreas de trabalho: por um lado a tecnologia – em meio à popularização da internet nas escolas e universidades – e, de outro, a antropologia, a pensar na recuperação de uma leitura crítica sobre a memória das populações africanas e afro-brasileiras. Esse projeto de museu digital de memória africana, me levou para o campo dos estudos étnicos e africanos no Brasil me impulsionando a realizar um doutorado na área. Essa aproximação e flerte com a museologia tem resultado em inúmeros trabalhos, publicações e projetos de pesquisa entre Brasil e África, sobretudo com os países do PALOP. Lá, começamos a organizar uma repatriação de acervos e a consolidar uma rede pesquisadores e pesquisadoras que já resultou em alguns livros sobre o tema da memória, patrimônio e digitalidade.

Durante os anos do governo Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011), vários projetos de transferência de tecnologia foram desenvolvidos de forma persistente e significativa no continente africano. E nesse contexto montamos um projeto com o Arquivo Histórico de Moçambique, com o INEP/Guiné-Bissau e com o Arquivo histórico de Cabo Verde para trabalhar com a formação de pessoal no âmbito da conservação digital do acervo daquelas instituições.

Desde 2010 foram muitas viagens com seis missões de trabalho como uma iniciativa pioneira nas humanidades, pois os projetos de transferência tecnológica até então se fazia primordialmente em outras áreas, como agricultura ou ciências da saúde. Infelizmente, após o golpe de 2016 que depôs a Presidente Dilma V. Roussef, muitas iniciativas foram descontinuadas.

Como docente da UFBA desde 2004, tendo já passado por outras duas universidades estaduais (UNEB 1999-2001 e UEFS 2001 a 2003), celebro vinte anos como professora universitária e investigadora numa instituição ainda eminentemente branca e masculina em suas instancias decisórias e distribuição de poder. Atualmente, tenho a honra de coordenar o Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos/Posafro, situado no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, onde sigo desenvolvendo diversos projetos de cooperação e intercâmbios com diferentes universidades africanas e latinoamericanas privilegiando o eixo Sul-Sul, envolvendo trânsitos de estudantes, professores e discentes em projetos individuais e coletivos.

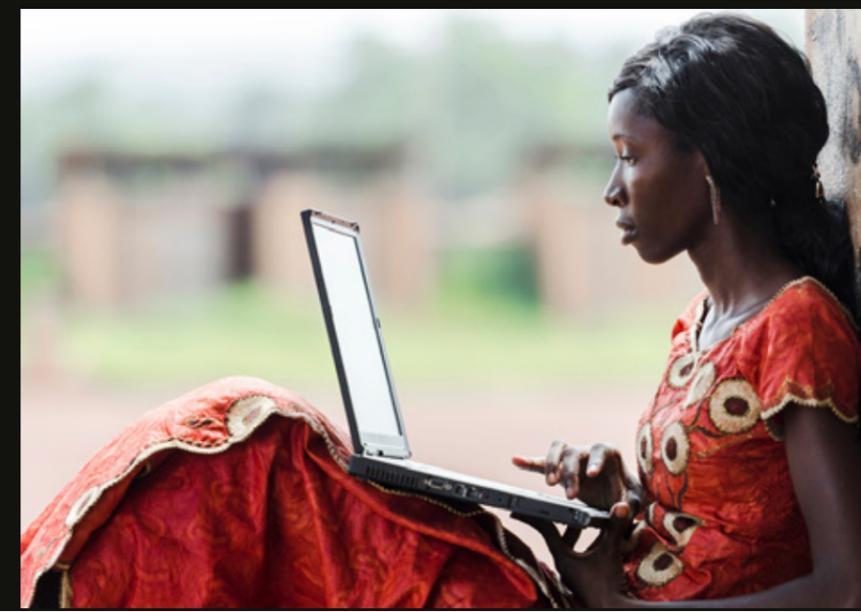
Em 2017-2018 realizei uma estância pós-doutoral na Universidade de Lisboa/Portugal com passagem pela Universidade de Mar Del Plata/Argentina. Nessas duas instituições pude ampliar e intensificar uma nova rede de alianças intelectuais e afetivas que foram fundamentais para incorporação em meus trabalhos de categorias e autoras – mulheres latinas e africanas e intelectuais trans – que tem me estimulado a pensar em novas pedagogias do desejo para fabricação de outras sensibilidades analíticas e investigativas.

Com um projeto sobre Afrofuturismo e as implicações teóricas sobre os modos de representação do continente africano articulando tecnologias, narrativas identitárias, crononormatividades e crítica a genealogia ocidental produzida sobre os africanos e suas diásporas, me filio a novas leituras sobre a África contemporânea em uma perspectiva crítica atenta aos desdobramentos dos chamados cultural studies em dimensão transcontinental.

Minha biografia intelectual ou a genealogia do meu processo formativo ocorreu no contexto universitário brasileiro, que é profundamente e ainda absolutamente eurocêntrico. Tenho a felicidade de coordenar em parceria com outros colegas a Escola Doutoral Fábrica de Ideias que há vinte anos vem me possibilitando o encontro com intelectuais e jovens investigadores e investigadoras preocupados com o tema das relações raciais, das ações afirmativas, das populações indígenas, da questão do patrimônio e de temas caros e sensíveis às populações historicamente subalternizadas.

Defendo uma universidade mais horizontal, especialmente no campo da produção de conhecimento. Uma universidade menos opressiva e com mais justiça epistêmica. Desejo que as universidades, seculares, eurocêntricas,

elitistas e opressivas, sejam paulatina e progressivamente enegrecidas e fortalecidas com nossos corpos dissidentes e com os vigorosos saberes dos povos ancestrais e povos da terra.



Culturas e Objetos



Joseania Miranda

Com muita alegria e imersa no compromisso institucional e afetivo, aceitei o honroso convite para participar do número zero desta Revista, que faço votos que se torne um importante canal para registros de ações que sistematizam as pesquisas e conhecimentos sobre as heranças seculares de gerações de africanas e africanos, que aqui chegaram, traficadas nos fétidos navios negreiros, somente com seus corpos nus, sob o julgo da colonização-escravista e nos legaram conhecimentos e ferramentas operacionais que nos erguem e fortalecem na contemporaneidade para o enfrentamento do racismo em suas diversas faces, ainda presente no cotidiano.

Escrever este pequeno relato me fez recuar no tempo 33 anos. Levou-me de volta ao ano de 1987, quando conheci o MAFRO. Naquela época trabalhava na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, ainda estudante de Museologia e, com o colega Marcelo Cunha, tivemos a oportunidade de montar uma exposição em parceria com o MAFRO e entidades do movimento negro, como parte das comemorações da “1ª Semana da Consciência Negra para Crianças” [1]. Esta experiência inicial, na sistematização de histórias e memórias de sobreviventes do tráfico negreiro e da escravidão, junto com outras vividas também no MAFRO me permitiram ser quem sou e estar onde estou.

No MAFRO foi possível vivenciar e consolidar compromissos com estes legados, expressos em atos de bravura e beleza desta gente, que como bem enfatiza a ex-deputada e ex-ministra francesa, a guianense, Christiane Taubira, da escravidão também podemos extrair, para além da violência, a beleza das histórias e memórias que nos permitiram chegar onde estamos: “Uma história de violência e beleza. A beleza pode vencer.” (TAUBIRA, 2017, p. 12).[2] Entre 1995 e 1997 tive a oportunidade de vivenciar uma experiência mais longa no museu, atuando como consultora no projeto da primeira reestruturação expográfica. Trabalhei na proposta de uma Sala da Herança Afro-Brasileira, pensada para incluir temas relativos às organizações de resistência, construção e afirmação de identidade. No entanto, devido à perda de espaços físicos, não foi possível a sua realização.[3]

Depois destes dois momentos pontuais, em 2002, ao ser aprovada como docente do curso de Museologia, passei imediatamente a atuar como pesquisadora, articulando docência, pesquisa e extensão, ao novo projeto “Ações Afirmativas Museológicas”, que contava com: “[...] a participação de professores e estudantes de Museologia/ UFBA e outras áreas relacionadas no desenvolvimento de atividades que dão prioridade à formação dos alunos para a compreensão das coleções que representam as dinâmicas culturais afrodiáspóricas, ou seja, coleções que compõem o patrimônio cultural afrodescendente, diretamente relacionado com as lutas pela liberdade.” (FREITAS, 2013, p. 117) [4].

Reflexões e resultados (parciais e/ou finais) sobre os processos de pesquisa realizados nos subprojetos foram apresentados em congressos e publicados em periódicos nacionais e internacionais[5]. Em 2005 participei do projeto institucional de pesquisa, educação e extensão para produção de cartilhas, partir de estudos do acervo. O projeto trabalhou com a formação de jovens monitores de museus. [6] Em 2010, respondendo a uma demanda comunitária, o subprojeto (pesquisa e extensão): “Memórias de Mãe Nilzete de Iemanjá e do Terreiro de Oxumaré: a fala dos mais velhos”, foi desenvolvido com bolsistas de Iniciação Científica, como uma atividade preparatória para as comemorações dos 21 anos de falecimento de Mãe Nilzete, no ano seguinte. Foram realizadas ações de conservação preventiva, em parceria com a prof^a Graça Teixeira, que resultaram numa cartilha entregue ao Terreiro, com o relatório contendo a organização do acervo documental, com os registros em áudios e transcrições das falas das pessoas mais velhas.[7]

Do processo de estudo da coleção Capoeira, iniciado em 2002, duas outras fases foram vivenciadas, entre 2011-2012 e 2013-2015, apresentando as primeiras reflexões em eventos acadêmicos, que estimularam publicações.[8] O projeto foi concluído em 2015, com a entrega do projeto expositivo, realizado com as equipes de bolsistas e com a publicação do livro catálogo: “Uma coleção biográfica: os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA”[9], que teve apoio financeiro do Edital do Fundo de Cultura da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Capa da Publicação
Foto: Marcelo Cunha



As ações de docência, pesquisa e extensão são fortalecidas no cotidiano vivido na instituição, implicando em diversificadas ações, como a participação na curadoria da exposição temporária “Exu: outras faces”, resultando na publicação das reflexões em um artigo com Marcelo Cunha.[10] Na perspectiva de estudo de acervo, registro o último trabalho de pesquisa, com diversas fases e bolsistas de Iniciação Científica, em articulação com as ações de conservação preventiva, dirigidas pela prof^a Graça Teixeira[11]. O estudo da coleção de cópias em gesso, a primeira coleção do museu, com as peças inicialmente numeradas de 01 a 12, estimulou o seu destaque na nova exposição de longa duração, “Máfricas: as Áfricas do MAFRO”, coordenada pela prof^a Graça Teixeira.[12]

Ao revisar esta relação de 33 anos com o MAFRO sinto que ficou ainda mais evidente o compromisso institucional com ações de pesquisa que têm buscado evidenciar os estudos ancorados nas produções africanas e afrodiáspóricas. O museu se configura, cada vez mais, como uma instituição educadora.[13] Lugar de estudos e descobertas sobre os atos de bravura e de beleza de povos africanos e de suas descendências nas Américas, frente ao tráfico e à escravidão.

Um lugar que me remete à imagem luminosa das lembranças da avó apresentadas nas últimas palavras da obra da ex-escravizada estadunidense, Harriet Ann Jacobs: “[...] a retrospectiva não vem totalmente sem alívio, porque com aquelas memórias sombrias chegam lembranças ternas da minha boa avó idosa, como luz, nuvens felpudas flutuando sobre um mar escuro e agitado.” (JACOBS, 2019, p. 270).[14]

[1] Esta experiência de aproximação institucional, está publicada no artigo : "Um Encontro de Memórias de Instituições protagonistas - ou quando uma Biblioteca Infantil se encontra com um Museu Universitário", no livro: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. Informação e Protagonismo Social. Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível para compra em [HTTP://WWW.EDUFBA.UFBA.BR/2017/10/INFORMACAO-E-PROTAGONISMO-SOCIAL/](http://www.edufba.ufba.br/2017/10/informacao-e-protagonismo-social/)

[2] TAUBIRA, Christiane. L’esclavage raconté à ma fille; une histoire à connaitre et à interroger. France: Philippe Rey (Points). 2015.

[3] Publicação referente a esta experiência e detalhamento do projeto: FREITAS, J. M. Experiências de pesquisa no Museu Afro-Brasileiro/UFBA: registros de memórias africanas e afrodescendente. Repositório I SEBRAMUS. Brasília: UnB. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/1sebramus/1Sebramus/paper/view/458/27>

[4] Em 2013, convidada pelo IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus, fiz uma palestra (posteriormente publicada) no “VII Encontro Iberoamericano de Museus”, apresentando um balanço das ações por mim coordenadas na instituição. FREITAS, J. M. Memorias afro-descendientes y la museística: algunas reflexiones. Revista Brasileira do Caribe, São Luís-MA, Brasil, Vol. XIV, nº27, Jul-Dez 2013, p. 117-137 Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1591/159130118006.pdf>

[5] FREITAS, J. M.; FERREIRA, L. G.; JESUS, P. M. de. Obras primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade: o Carnaval de Barranquilla e o Palenque de São Basílio (Colômbia) e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano (Brasil). Revista Brasileira do Caribe, v. 14, p. 501-531, 2007. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2457> FREITAS, J. M.; FERREIRA, L. G. O samba de roda na celebração de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira-Bahia. Políticas Culturais em Revista, 1 (3), p. 37 - 46, 2010. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/4761>

[6] Estão online as cartilhas referentes ao Setor África: https://issuu.com/zgegeraes/docs/material_do_estudante_africa_26569e40bad59d /<http://livrozilla.com/doc/806512/material-do-professor---%C3%A1frica---museu-afro-brasileiro>

[7] Um artigo relatando as atividades também foi publicado. FREITAS, J. M. Experiências de pesquisa no museu afro-brasileiro/UFBA: registros de memórias africanas e afrodescendente. II SEBRAMUS – Seminário Brasileiro de Museologia. Recife, 2015. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/>.

[8] FREITAS, J. M.; GALAS, D. M.; KROETZ, S. A coleção capoeira do Museu Afro-brasileiro (MAFRO/UFBA): os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde e a documentação museológica. Revista Ventilando Acervos. Volume 1, Número 1, 2013. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/ MinC, 2013.

Disponível em: [http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/10/Revista-Eletronica-Ventilando-Acervos-vol-](http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/10/Revista-Eletronica-Ventilando-Acervos-vol-01.pdf)

[01.pdf](http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/10/Revista-Eletronica-Ventilando-Acervos-vol-01.pdf) FREITAS, J. ARAÚJO FILHO, J. J.; BRITO, J. H. B. A Capoeira dos Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no acervo do Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Revista Pontos de Interrogação, v. 3, p. 175-186, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1767/1187>

[9] FREITAS, J. M. (Org.). Uma coleção biográfica: os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível para compra em: <http://www.edufba.ufba.br/2015/12/uma-colecao-biografica/>

[10] FREITAS, J. M.; CUNHA, M. N. B. Reflexões sobre a exposição temporária do MAFRO/UFBA - Exu: outras faces. Revista Museologia e Patrimônio, v. 7, p. 191-206, 2014. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/341/300>

[11] FREITAS, J. M. Experiências de pesquisa no museu afro-brasileiro/UFBA: registros de memórias africanas e afrodescendente. II SEBRAMUS - Seminário Brasileiro de Museologia. Recife, 2015. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/FREITAS, J. M. Uma coleção-documento: estudo da coleção de cópias em gesso de arte centro-africana do Museu Afro-Brasileiro-UFBA - primeiras notícias de pesquisa. Cadernos de Sociomuseologia, v. 53 n. 9. Lisboa, 2017. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5886>

[12] A professora Graça Teixeira coordenou o museu de 2011 a 2018. Informações sobre “Máfricas: as Áfricas do MAFRO” disponíveis em: <http://www.mafro.ceao.ufba.br/es/node/26>

[13] Mesmo sem um setor específico de Educação, o MAFRO sempre foi vivenciado como um museu “pedagógico”. A dissertação de Daniela Moreira, por mim orientada, no Programa de Pós-Graduação em Museologia, discute este tema. MOREIRA, Daniela. Museu e educação: uma experiência no Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22615/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DANIELA%20MOREIRA2.pdf>

[14] JACOBBS, Harriet Ann (1813-1897). Incidentes na vida de uma menina escrava: escrito por ela mesma. Trad. de Ana Ban. São Paulo: Todavia, 2019.

Investigações



Juipurema Sandes

Minha história com o Museu Afro-Brasileiro se inicia em 2003, quando ministrava um curso sobre a utilização da imagem na pesquisa histórica e abordagens pedagógicas a partir de artefatos musealizados, apresentando o projeto “História através das medalhas”, executado no Museu Eugênio Teixeira Leal. Participou do curso a museóloga Maria Emília Valente Neves, coordenadora do Museu Afro-Brasileiro neste período, que se interessando pela idéia do programa educativo apresentada, convidou-me a elaborar um projeto similar na instituição, com a contribuição da Profa. Joseania Miranda Freitas e do Prof. Marcelo Cunha, docentes associados, na época.

Após um período de tramitação para aprovação e capitação de recursos, o projeto que a esta altura já se chamava “Projeto de Atuação Pedagógica e Capacitação de Jovens Monitores” teve início em novembro de 2004.

O projeto consistia em desenvolver ações educativas com a finalidade de divulgar conhecimentos acerca da história e culturas dos africanos e afrodescendentes, a partir das peças do acervo, contribuindo com o processo de implementação da Lei 10.639/03 e com a construção de relações étnico-raciais positivas.

Além das ações de cunho pedagógico o projeto manteve uma equipe de pesquisa sobre as temáticas do acervo, sistematizou as fichas das peças, formou uma equipe de monitores composta de 12 jovens ligados a associações de protagonismo negro e elaborou quatro cartilhas de apoio à ação educativa, para professores e estudantes, publicadas em 2005 e 2006.

Durante o projeto e ao longo das edições, de 2007, 2008 e 2009, fui estabelecendo contato progressivo com o museu, com o acervo e com a literatura referente, que me possibilitaram o amadurecimento de uma visão geral das coleções que o compõe e dos múltiplos caminhos de pesquisa e aprofundamento.

Na minha pesquisa de mestrado realizei o estudo da Coleção de Cultura Material Religiosa Afro-Brasileira, sob a orientação do Prof. Marcelo Cunha, que possibilitou a criação de um quadro classificatório com a finalidade de estruturar uma base conceitual para estudos da coleção, gerar unidades com valor preditivo e heurístico, estabelecer conjuntos definitórios para os artefatos e organizar virtualmente a coleção.

Na pesquisa também se remontou a história da formação da coleção e entrada dos artefatos no acervo, analisando o conjunto de ações e relações entre as instituições, os dirigentes, os pesquisadores, os artistas, os intelectuais, os militantes e as comunidades religiosas envolvidas no processo de estruturação do Museu Afro-Brasileiro, além de analisar os perfis gerais de classificação, datação, espacialidade de origem e apresentar grupos de análise ordenados por materiais e técnicas utilizadas na confecção dos artefatos da coleção.

As pesquisas realizadas fomentaram um programa de maior amplitude que envolveu e envolve outros estudos das diversas coleções do museu dando origem a trabalhos acadêmicos, além de me estimular a continuar meus estudos focando na Coleção de Cultura Material Africana do Museu.

A pesquisa atual se propõe a estudar a coleção, analisar a história de sua criação e formação, bem como, do Museu Afro-Brasileiro e do Centro de Estudos Afro-Orientais, refletir sobre os processos de patrimonialização da cultura africana no Brasil e suas implicações no estabelecimento de significações dos discursos institucionais envolvidos.

No que tange as fontes e informações já coletadas para o desenvolvimento da pesquisa foram consultados e analisados os documentos do arquivo institucional do Museu

Afro-Brasileiro, além de analisar artigos publicados na revista Afro-Ásia, entre os anos de 1965 a 1983 e 1995, e numerosas notícias de jornais, publicadas em órgãos da imprensa baiana, no período de 1974 a 2002. Outro conjunto documental consultado foram as correspondências trocadas entre Pierre Verger e Marianno Carneiro da Cunha, em que reportam a participação de Verger em viagens para o continente africano, com a finalidade de comprar artefatos destinados ao MAE-USP e ao Museu Afro-Brasileiro (MAFRO-UFBA).

Desta forma, mantenho minha relação imbricada com o Museu e todos os funcionários e colaboradores, que ao longo destes 16 anos de contato. Que refletem na minha atuação acadêmica e colaborativa em relação a instituição.

Entendo a importância que o Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia tem para o campo de estudos das africanidades e dos coletivos de defesa da valorização da cultura negra. A origem e instauração do Museu conta essa história e a trajetória afirma e reafirma sua posição de instituição de vanguarda. Desejo que o presente periódico estenda os princípios da atuação do Museu e auxilie na divulgação das produções, ações e projetos por ele desenvolvidos.

[1] Historiador, Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pelo PósAfro / CEAO / Universidade Federal da Bahia. Desenvolve pesquisas no campo da História da Cultura Material, abordando as relações entre simbologia, religião e culturas de matriz africana, bem como, os processos de patrimonialização da cultura negra. Atualmente é Diretor do Centro Educacional Anísio Teixeira em Camaçari-BA.

Cinema e Literatura



Jusciele Oliveira

Entre lugares e espaços de memórias e culturas: primeiras reflexões e construção de uma trajetória acadêmica

Entre América, África e Europa. Entre Brasil, Guiné-Bissau e Portugal. Entre Euclides da Cunha, Salvador, Lisboa, Bissau e Faro. Entre lugares de culturas e lugares de memórias. Entre trânsitos e trocas minha carreira acadêmica se constituiu e se construiu. No entanto, não posso esquecer que “Eu venho dos trópicos”. Paráfrase do título da escultura “N’oubliez pas que je viens des tropiques” (1945) da artista visual mineira Maria de Lourdes Alves Martins (1894-1973), que também é título do documentário sobre a vida da artista lançado em 2017; ou ainda gostaria de lembrar-vos que eu sou baiana e a “Bahia já me deu régua e compasso”, como diria Gilberto Gil, na letra da música “Aquele abraço”, já que nasci e vivi até os 18 anos num município do Nordeste Baiano, chamada Euclides da Cunha. Uma cidade marcada pela seca e pelas histórias orais e a memória sobre a Guerra de Canudos e o Cangaço.

Filha de um vaqueiro (não-negro e não-branco, filho de descendente de portugueses) e de uma professora municipal (negra, filha de um descendente de negro e de uma índia Caimbé e holandês), que me ensinaram a compartilhar e entender a importância de viver em família e em coletividade, sempre respeitando as diferenças e as características individuais de cada um, visto que carrego no meu corpo traços brancos, negros e índios. E lembrando e ampliando Frantz Fanon, um corpo de mulher que sempre questiona.

Com isso quero dizer que a minha brasilidade e a minha baianidade, minhas identidades têm relação com as escolhas por trabalhar com as diferenças e em diferença, com teorias e críticas dos diversos continentes, procurando não rejeitar sumariamente as indicações teóricas, críticas, políticas, históricas ou artísticas, mesmo que por vezes não se relacionem diretamente com os objetos e os sujeitos das pesquisas; e acima de tudo evitando se render às comodidades e aos fascínios do Ocidente com sua sede de hegemonias, mas que me fizeram pensar, refletir e fazem parte da minha trajetória acadêmica e de vida. Ou ainda como narra a escritora senegalesa Fatou Diome, “Entre querer e poder, entre pensar e tentar, entre desejar e ousar, entre arriscar e ganhar, raros são os humanos que afrontam as correntes até à margem solarenta das aspirações satisfeitas. Cada um faz o que pode” (2003, p. 69)[1]. E assim construí (e construo) o que pude nesses mais de 10 anos de pesquisa nas áreas das culturas, dos cinemas e das literaturas bissau-guineenses e africanas.

Entre o interesse inicial pela literatura bissau-guineense, na graduação em Letras Vernáculas (UFBA, 2002-2006) e a pesquisa de doutorado sobre o cinema autoral de Flora Gomes, sucederam-se projetos nos campos da literatura comparada e dos estudos culturais, envolvendo as duas áreas. O cinema bissau-guineense chegou até mim em função de referências da orientadora (Maria de Fátima Maia Ribeiro) e do apoio de especialistas, que disponibilizaram cópia dos filmes, como o professor Mohamed Bamba e Amaranta César, suscitando de imediato continuada pesquisa em internet e livros, abrangendo cinemas africanos na contemporaneidade. A pesquisa de Mestrado (Literatura e Cultura-UFBA, 2011-2013) sobre o filme *Nha fala* (*Minha fala*, 2002) ocupou-se das representações construídas para a África e para a Guiné-Bissau, com foco nas questões nacionais demandadas na contemporaneidade, e transformadas em matéria da indústria cultural do cinema, que extrapola as fronteiras bissau-guineenses e africanas, seja através da temática de trânsitos físicos e culturais explorada pelo cineasta, seja pela política de agenciamento das instâncias de produção cinematográfica. No que concerne ao título do trabalho: **“Tempos de paz e guerra: dilemas da contemporaneidade no filme *Nha fala*, de Flora Gomes”** está relacionado com a situação política da Guiné-Bissau, que na época da gravação do filme era de guerra política, entretanto o cineasta retrata um momento de paz, em vista disso são tempos de “paz e guerra”, não “guerra e paz”.

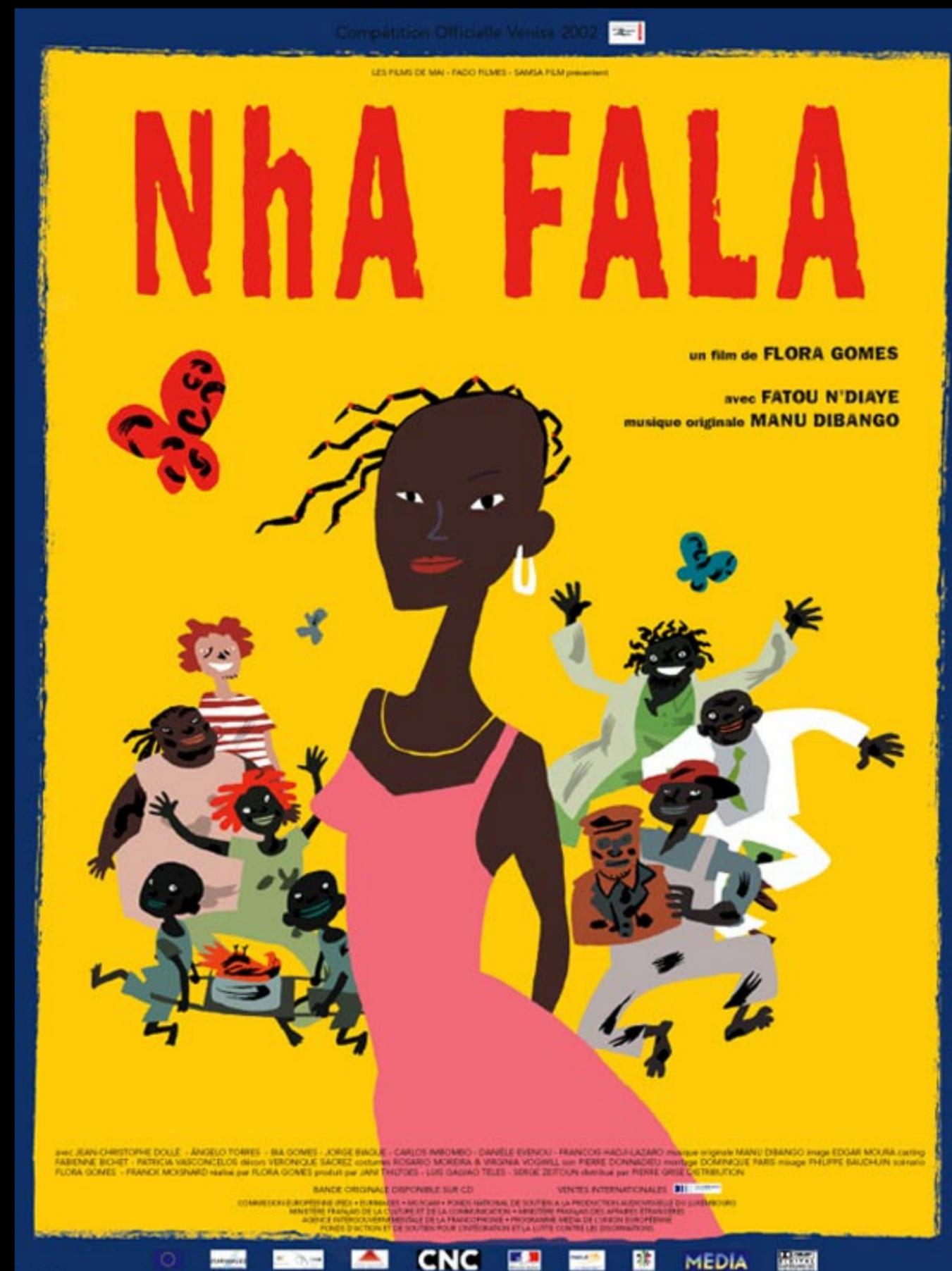
Atravessada por dilemas, trânsitos e trocas, a primeira dissertação sobre cinemas africanos da UFBA buscou afinar-se com o seu objeto em termos linguísticos convocando para o resumo as três línguas presentes em *Nha fala*: português, crioulo e francês. Por sua vez, a escrita do texto foi pautada na importância acadêmica, cultural e política da pesquisa, bem como na atualidade das questões a respeito da cultura e do cinema bissau-guineenses, suscitando a interdisciplinaridade com estudos críticos nos campos do cinema, da história, da sociologia, da antropologia e da arte. Trata-se de leitura não exaustiva e fechada em si mesma, mas uma leitura viável, possível e, acima de tudo, atenta ao objeto.

A investigação de doutorado - “Precisamos vestirmo-nos com a luz negra”: uma análise autoral nos cinemas africanos - o caso Flora Gomes (CIAC-UALG-Portugal, CAPES-Brasil, 2014-2018) - foi o resultado de uma pesquisa na área dos estudos cinematográficos com ênfase nos cinemas africanos, em que se parte da concepção de autoria e da teoria dos autores, especificamente em torno da obra de ficção do cineasta Flora Gomes, refletindo sobre a própria natureza do cinema como uma área “transartística”, transdisciplinar e transcultural que, na interação com outras artes (fotografia, arquitetura, música, teatro, dança) e disciplinas (antropologia, história, sociologia, educação, psicanálise), revela-se mais produtiva.

E mais uma vez, atravessada por deslocamentos, trânsitos e trocas, a tese foi construída.

Afinal, é na contemporaneidade que o cineasta Flora Gomes exerce o direito da liberdade criadora, nos seus filmes, que não aleatoriamente são dedicados aos seus amigos, as crianças do seu país, à memória de Amílcar Cabral e aqueles a quem não foram dado voz, e que apresentam o imaginário, a visão de mundo africana, por meio do poder da palavra, da imagem e da transgressão dos limites, das relações familiares, do local global, das relações entre vida e morte, por meio das cerimônias fúnebres, viagens iniciáticas e ritos de renascimentos como metáforas para a vida social, bem como as relações entre a modernidade e tradições, em termos de complementaridade, enfocando como é possível, ao mesmo tempo, “ser iguais e diferentes”, consciente, o realizador, de que “entre os países do sul e do norte, entre os países quentes e frios, nada é simples”, mas é preciso atrever-se, “ousar”, e dar um “bye-bye ao século XX”.

[1] DIOME, Fatou. Kétala. Lisboa: Europress, 2008.



Vivências



Luzia Gomes Ferreira

Retratos de mim

sou o perfume do jasmim... sou a delicadeza da violeta... sou o espinho da rosa... sou cores... sou sons... sou ritmos... sou paisagens... sou geografias... sou histórias... sou sombras... sou enredos... sou travessia atlântica ... sou ventania em calmaria ... sou borboleta em pausa... sou onça alçando vôo... sou docente... sou discente ... sou indecente... sou alegria... sou tristeza... sou medo... sou doçura... sou rudez... sou vazia... sou plena... sou existência... sou desistência... sou intensidade... sou passionalidade... sou amorosa... sou odiosa... sou o desavesso em avesso... sou vida... sou morte... sou uma menina baiana do mundo... sou água corrente entre rochas rasgadas... sou carinho em excesso e dureza acertada... sou poeta... sou poesia... sou luz...sou luzia.

Nasci e cresci no Recôncavo Baiano, atravessando a ponte sob o Rio Paraguaçu, transitando entre São Félix e Cachoeira, ouvindo reggae, samba de roda, black music estadunidense e cantigas de Candomblé no Terreiro Ilê Axé Ogunjá, frequentado pela minha avó Helena de Jesus e pela minha mãe Raquel de Jesus Gomes. Desde lá, acredito que os movimentos dos Orixás e das águas, fez brotar em mim o intenso desejo de me movimentar pelo mundo para conhecer e viver em outras terras não minhas, mas nas quais enraízo-me. Porque para mim, não existe quaisquer barreiras físicas quando olho para a terra do alto.

Desloquei-me para capital baiana em 2003, onde cursei Graduação em Museologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) até 2008. Fui aprendiz de pesquisadora, com bolsa de iniciação científica, sob a orientação da mestra Prof.^a Dr.^a Joseania Miranda Freitas, no Museu Afro-Brasileiro (MAFRO/UFBA). O MAFRO foi a minha casa de formação na pesquisa e pertence as minhas redes de afetos, por isso, sempre o visito quando estou na Bahia. Descolonizei o meu olhar para os patrimônios e as cidades através dos ensinamentos da outra mestra, Prof.^a Dr.^a Lysie Reis. Compreendi que os bens patrimoniais, as ruas, os bairros, as vielas, as estradas, só existem com sujeitas e sujeitos. Como tudo na vida tem um ponto seguinte, encerrei o ciclo de morada em Salvador e migrei para o Sudeste em 2008.

Cheguei na cidade de São Paulo - SP, com a minha mala rosa, tamanho G, para atuar como museóloga na Organização Social-POIESIS. O primeiro trabalho a ser desenvolvido como recém-formada em Museologia, foi a elaboração do Plano Museológico do Museu Casa Guilherme de Almeida. Momento de aplicação dos conhecimentos museológicos adquiridos na graduação, mas também de construir novas aprendizagens e compreender as facetas contraditórias de ser uma profissional de museu. Descobri que na cidade cinza brotam flores delicadas no asfalto. São Paulo para mim, é o charme de encantos, com durezas nos cantos.

No início de 2009, recebi um e-mail da mestra Prof.^a Dr.^a Joseania Miranda Freitas, informando-me do concurso aberto para docente do curso de Bacharelado em Museologia, na Universidade Federal do Pará (UFPA) e, o edital exigia apenas a graduação na área museológica. Apesar das incertezas, encarei o desafio de prestar a seleção e contei, como sempre, com o apoio acadêmico, material e afetivo da Prof.^a Dr.^a Joseania Miranda Freitas. Em maio de 2009, entrei no avião e voei para a Amazônia Brasileira. Mirando de cima, saltou aos meus olhos as águas barrentas da Baía do Guajará. Realizei o concurso e passei. Em julho do mesmo ano, mais um novo ciclo estava aberto: o de morar e atuar na docência universitária em Belém do Pará. De acordo com bell hooks:

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade. (hooks, 2013, p. 273).[1]

Acredito na sala de aula, em tempos pandêmicos, posso falar em tela de aula, como esse local de possibilidades da transformação transgressora, conforme nos apresenta bell hooks. A academia brasileira, ainda não está descolonizada e a crítica deve ser feita, mas o exercício da docência acende em mim a chama do verbo esperar.

Com os pés fincados na Belém das águas e mangueiras, dei prosseguimento a minha formação acadêmica. Cursei o mestrado em Antropologia Social de 2010 a 2012 sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marcia Bezerra, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA).

Em 2014, surgiu mais um desafio acadêmico e de vida: mudar para Lisboa – Portugal e fazer o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Cruzei o atlântico de avião e não num tumbeiro, na travessia pensava: - não acredito que estou indo morar em outro país! Essa viagem, foi algo inusitado para mim, pois, até aquele momento nunca tinha saído do Brasil. Nessa nova jornada de estudos, tive a orientação, parceria, cumplicidade e afeto do Prof. Dr. Marcelo Cunha.

Morei ininterruptamente em Lisboa no período de novembro de 2014 a março de 2018. Três coisas fizeram-me amar a cidade de águas Tejas: a luz, o Rio Tejo e os encontros. E, o maior encontro ofertado-me por Lisboa, foi comigo mesma, através da poesia. No lado de lá do atlântico renasci poeta, após pisar em vários caquinhos miúdos de vidros espalhados pelas minhas emoções. Em alguns momentos meu corpo sangrou de dor, minhas forças minaram, quase desconjuguéi o verbo esperar. Mas a poesia me deu a mão, embalou-me em seu colo de imprecisão, conheceu-me por dentro e soprou no meu ouvido, a palavra: SEGUIE! Criei filmes, fiz ensaios fotográficos, lancei um livro de poemas, escrevi e defendi a tese, e selei de uma vez por todas, a minha história de amor com Maíra Zenun, a minha laotong.

Em 2018 retornei para o Brasil, reassumi as minhas funções docentes. Reencontrei-me com a sala de aula, o meu espaço de amor, luta e transformação coletiva.

Atualmente coordeno os Projetos Xirê da Leitura: Mulheres Negras Grafando Memórias em Letras de Poesia (Extensão) e Memórias que vêm das palavras: Olhares Museológicos para as Literaturas de Mulheres Negras (Pesquisa). Através desses projetos, procuro estreitar os diálogos entre Museologia e Escritas Literárias de Mulheres Negras, por acreditar nessas produções artísticas como lugares de enunciação, possibilitando assim, a descolonização do olhar, do ler, do escrever e do escutar, que contribuem para a construção de processos de musealização antirracistas e antissexistas.

Pauso esse texto, lembrando que neste ano de 2020, os museus fecharam as suas portas por conta da pandemia do novo coronavírus que assola o mundo, causando tantas perdas de vidas humanas. E no Brasil, o contexto pandêmico mais uma vez revelou que a carne mais adoecida e morta, foi e continua sendo “a carne negra”. Faço votos que o MAFRO, tenha vida longa e siga propondo contar novas histórias, ofertando escuta aos diversos segmentos sociais da sociedade brasileira. Faço votos que o MAFRO possa desatar os nós desafiadores colocados pelas tramas das memórias no tempo de hoje, e contribua cada vez mais, para a criação dos laços de amor, encantos e emancipação do povo negro.

[1]hooks, bell. Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2013.

Cinema



Maíra Zenun
Autorretrato

...mar e íra...

“A pessoa explosiva, tipo mar da Bahia, fica transparente em dia de sol, e turva em dia de chuva... Serena, serenata, ser a vida... mas com tempestade, com desejo e saudade... de quem já foi, é... mar e íra... A pessoa é, como todas as outras... como a outra que ama... a pessoa é: possibilidade... e seja lá o que isso quer dizer...”.

Um dia me descrevi assim. E já estudava cinema, e já queria muito aprender fotografia. Depois, passei a ver-me como um terreno baldio. Mas, ocupei o espaço que havia... me mudei, debandei, mandei um bocado da vida.

Fiz reviravolta e moinho. Tropeçando, levantando. Hoje, falo pouco de mim (mentira), mas falo muito do que a mim fizeram - tempo, espaço, temporalidade, territorialidade. Para alguns, devaneio. Para outres, sou como uma montanha russa, cercada de nuvens porosas por todos os lados. Enfim, sou um pouco assim: mar e íra. Sedenta. E às vezes, serenata. Muito severa, mas pouco abstrata. Embora, há quem desdiga... e reclame das minhas brisa-das. Mas, se sou, o que sou, para além de tudo isso, é o que está em mim inscrito: ser-tão, ser uma: mulher negra, artista pensante imigrante, mãe; companheira; uma brasileira; fora de casa, dentro de casa; em trânsito ainda. É que eu fui parida no Rio de Janeiro, fui criada em Petrópolis, depois cresci em Brasília-Tagua-Samambaia e, desde 2016, vivo e vivencio a Linha de Sintra, na Amadora, em Portugal: tudo Planeta Terra total. Por isso... odeio fronteira, mas sou mesmo é filha dela. Destino.

No mais, tenho formação profissional (formal, informal e continuada) nos campos das Ciências Sociais e das Artes Visuais - fílmicas, performáticas e fotográficas. Todas elas - ciências e artes -, articuladas através de estratégias somadas e concomitantes de atuação e escrita político-poética. Mas, é na base dos afetos, que me descarrilham e desaceleram, afetando tudo, que sigo em diálogo com as minhas próprias - e com as de outres - especificidades, insalubridades e conhecimentos periféricos; mantendo assim um trabalho já extenso, porém, pequeno, em imagens e escrituras; sobre arte, educação, cinema e ciência. Sobre televisão, cinema brasileiro, negro, teoria decolonial, do conhecimento e metodologias antirracistas.

Enfim. Tenho por ai, pelo mundo, alguma coisa já exposta, tanto em publicações, quanto em coleções privadas e galerias de arte. Aqui e acolá. E ainda dois blogs - flores de maio (2007-2017) e ... dicionário bantu em cartas de amor... (2014) -, estacionados no espaço; onde colho, colhi e planto pétalas, onde deságua e fico em gotas. Muitas delas.

Enfim... enfim, de novo. É que eu desenvolvo, como hoje, como agora, madrugada adentro, certa produção acadêmica. Tenho até um lattes, muitas páginas nele... a verdade é que tenho mesmo é muita estrada, sabe? Ou, talvez, não tenha ainda andado quase nada. Nem na Sociologia, que me enquadra, nem nas artes, que me distorcem, que me torcem por dentro, a todo momento. O negócio é que na poesia e nas imagens é que eu me acho, mesmo quando eu me perco. Eu já sou até doutora (2019), mas antes virei mestre (2007). Mas, a bem da verdade, te digo, é de muitas encruzilhadas que construo o meu percurso. É assim que vou seguindo e parindo. Como em 2014, por exemplo, quando foi selecionada para o II Núcleo de Produção em Fotografia Contemporânea, ateliê profissionalizante em fine art, que culminou na exposição "Abalos Sísmicos e Outras Movimentações Tectônicas".

Ao mesmo tempo que ia sendo fotógrafa, eu também ia indo pelo terreno arenoso da academia.

Tanto que, participei, entre 2010 e 2015, como investigadora e produtora de imagens do TRANSE/UnB, e desde 2014 colaboro com o FICINE – Fórum Itinerante de Cinema Negro. Ambos grupos de pesquisa vinculados ao CNPQ. Agora, em 2020, fui parar no Tocantins, e me tornei pesquisadora colaboradora do grupo de pesquisa "Memória, Arte e Alteridade", da UFT. Sou também uma das co-fundadoras da Nêga Filmes, coletivo cooperativista fundado em 2015, em Lisboa, que desenvolve projetos transcontinentais nas áreas de cinema, poesia, educação e fotografia. E desde 2016, tenho coordenado e feito a curadoria de diversos ciclos de cinema, em especial a "Mostra Internacional de Cinema na Cova - África e suas Diásporas", que acontece na Cova da Moura, da Amadora, em Portugal. Em 2017, fui uma das duas artistas selecionadas pelo prêmio Lisboa Capital Ibero-americana de Cultura, para uma residência no Lavadouro Público de Carnide.

Disto, que foi muito forte e divino, nasceu o ensaio fotográfico "As Marcas Somos Nós" publicado na Revista Eletrônica BUALA. Em 2018, muitas coisas: parimos a Ashanti; ajudei a fundar o INMUNE; apresentei algumas vezes a performance "a terra tremeu dentro de mim e eu fiquei sem casa" - trabalho visceral que já tem também um rastrinho. Em 2019, foram muitas mais tantas, tantas outras coisas: mediei alguns workshops, como o "Cinema de/para/com Mulheres Negras" no II Festival Feminista de Lisboa - isso porque a educação sempre andou comigo, venho percorrendo esse trajeto desde muito tempo, desde o cerrado, desde o Rio; estive no Festival TODOS como fotógrafa convidada e desenvolvi o ensaio poético-imagético "caminhos percorridos com carinho", fruto de um trabalho criado especialmente para a ocasião.

Fui neste mesmo ano, ainda, ao Porto/Portugal, para apresentar o ciclo “Black Women and New Black Cinema”, cuja seleção de filmes é de minha curadoria. Agora em 2020, em plena pandemia, ministrei um foto-lab na Serra das Minas, na mesma Amadora, com uma gurizada maravilha. Mas, então, é isso. Artigos na SOCINE, no catálogo Clássicos Africanos - A primeira geração de cineastas na África do Oeste, realizada na CAIXA Cultural Rio de Janeiro... tantos outros... poucos... Um acúmulo de experiências mais que especiais. Mais que lindas. E por ser poeta, ainda, desde a infância, fui me-sendo, fui me saindo: às vezes sã, às vezes, caduca. Mas, sempre em movimento, sempre sempre sempre, ainda... tudo junto, misturado, e mais nada.

fantasmas/ghosts

.maíra zenun.

Esta série de imagens + poesia surge em mim depois de uma residência artística que participei em 2017, organizada pelo Teatro do Silêncio no Lavadouro Público de Carnide, bairro de Lisboa, onde desenvolvi a performance “a terra tremeu dentro de mim e eu fiquei sem casa”. Desde essa oportunidade, tenho realizado/participado em diversas produções artísticas e acadêmicas que levam em conta este meu novo lugar de pertença – mulher negra mãe imigrante – que significa ser um cor-corpo/viver negro em Lisboa. O que tenho procurado almejar é conseguir juntar teoria, prática performativa e poesia, em um atravessar constante entre o pensar e o fazer/abalar estético, a respeito da cultura da colonialidade. Dessa experiência, de problematizar passado-presente colonial, em Portugal, comecei a escrever sobre o assunto em outros termos e linguagens, como neste trabalho de pesquisa e produção foto-poética, ainda em processo, que intitulei FANTASMAS. Um exercício desenvolvido através da produção, auscultação e reflexão sobre imagens – novas e de arquivo – e dados históricos apagados/esquecidos, onde tenho procurado mapear certos espectros advindos da realidade colonial deste país, na atual geopolítica turística da cidade que habito, que é Lis-boa.

*Foram mais de 10.000 corpos.
Despejados neste porto.
Mais de 10.000 corpos.
Expostos neste pelourinho.
Foram mais de 10.000. 10.000 corpos.
Roubados. Espalhados.
Mais de 10.000 fantasmas.
Vendidos por estas ruas.
Pelas ruas desta cidade.
Desta cidade-Lisboa.*



*.(meu)corpo partido ao meio.
.(my) body split in half.*



fronteiras (inventadas)
(invented) frontiers

descendências (perdidas)
(lost) descendants



A Revista do MAFRO



Marcos Rodrigues

Demorou mas chegou. O Museu Afro Brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO) anuncia a criação de sua revista eletrônica para discutir as questões étnico-raciais e os desdobramentos da diáspora africana na Bahia. Sem dúvida uma iniciativa já sonhada de algum tempo que deve contribuir na luta contra os preconceitos e discriminações entranhados na mentalidade da população em geral e mais especificamente no ambiente acadêmico. A importância de um espaço como esse está na necessidade óbvia de ampliar as ações afirmativas e reparar os danos ainda pulsantes deixados pela política de opressão racial na nossa (de) formação.

Com isso, acena no horizonte uma revista em busca de cooperar na eliminação das desigualdades e colocar na vitrine do saber nomes sabidamente esquecidos. Seria um novo espaço de abordagem das relações raciais para despertar o olhar sobre a ausência proposital de acesso à informação e de valorização dessa população que secularmente sustenta a economia brasileira?

Quantas Áfricas recriadas, negociadas, lembradas, estão na nossa jornada de cada dia, negligenciadas por uma mídia lucrativa que pouco se importa com os valores de reparação histórica? Quais Áfricas nos interessam e nos dizem respeito? Quais Áfricas implicam em nossos comportamentos? Na universidade, raras tentativas de criar uma mídia voltada a este segmento ainda nos deixam seguir invisíveis aos nossos próprios olhos, na luta contra retrocessos de discursos monopolistas sem política de comunicação.

Com essas breves observações iniciais apenas indico o meu lugar de fala como Mestre em Estudos Étnicos e Africanos e Bacharel em Comunicação pela UFBA, e colaborador do MAFRO desde 2012. Não sem antes fazer um breve panorama de encontros e desencontros que de alguma forma me aproximaram dos estudos etnológicos.

A primeira experiência foi na reportagem do Jornal Afro-Brasil, em meio à efervescência das articulações do movimento negro em Salvador, porém de curta duração. A oportunidade de trabalhar em eventos e atividades realizados no Ilê Axé Opô Afonjá, a exemplo do Encontro Brasileiro da Tradição dos Orixá e Cultura, me levou a pensar que eu poderia me tornar um parceiro das comunidades de terreiro. Também vieram experiências como redator em emissoras de rádio e outras como repórter de jornal, que despertaram o meu olhar sobre histórias de vida subalternizadas.

Interessante foi o período de correspondente do Jornal Educação-Afro, do Centro de Estudos Negros (NEN), em Florianópolis (SC), entre 1998 e 2002. O trabalho consistia em produzir matérias sobre iniciativas pedagógicas na comunidade negra de Salvador. Outra experiência com iniciativas pedagógicas afro-brasileiras foi a de editor do jornal Informativo da Escola Criativa Olodum (Informeco), em 2004.

Através do Centro de Estudos Miguel Santana, criado com a finalidade de pesquisar, documentar, publicar e atuar na preservação da memória popular de Salvador, houve oportunidades de publicação e demarcação de espaço na imprensa, a exemplo da passagem dos 450 anos da cidade do Salvador.

Como facilitador de projetos sociais, ministrei o curso de Cidadania e Cultura Afro, na Associação Arca do Axé, pelo Programa de Qualificação Profissional para Trabalhadores Culturais Afrodescendentes, da UNEB. A proposta era potencializar o conhecimento sobre a cultura da diáspora africana na Bahia.

A facilitação dos projetos sociais ainda me levou a conhecer comunidades na Ilha de Maré. E com o interesse pelas histórias de vida da população negra na Bahia, cheguei ao Centro de Estudos Afro Orientais da UFBA (CEAO) para cursar o mestrado entre 2010 e 2012. O curso abriu caminhos diaspóricos para apresentação de trabalhos em eventos e publicação de artigos e resenhas em jornal e revistas acadêmicas.

E chegou a revista do MAFRO como espaço de possíveis novas discussões.

Que venha pra ficar. Aplausos!

Artes Visuais



Nelma Barbosa

Ingressei em Artes Plásticas na Universidade Federal da Bahia, em 1997. Fui a primeira de minha família a ter ensino superior. Sou de uma linhagem negro-mestiça de trabalhadores e trabalhadoras do sul baiano, que se desenvolveu à sombra de pés de cacau cultivados nas margens das águas de rios como o Una, Acaraí, Cachoeira, Almada, Gongogi e de Contas. Meu imaginário infantil se formou ao som de atabaques e vozes que contavam histórias de cura e magia dos orixás e dos feitos de benzedeiros, curandeiros, lavradores e mulheres que resistiram, a seu modo, defendendo as heranças ancestrais na região.

De lá eu saí. E conheci outro mundo de heróis: os sindicalistas do ABC paulista e das Comunidades Eclesiais de Base. Novas paisagens tomaram meus olhos: cavalarias de polícia, operários algemados em plena passeata, comícios em porta de fábrica etc. Sim, testemunhei tudo isso ainda criança porque havia indústrias metalúrgicas no bairro em que morava.

De volta à Bahia, a vivência na Residência Universitária da UFBA, a militância no Partido dos Trabalhadores e no movimento estudantil me provocavam na dimensão das culturas, identidades e do fazer política no cotidiano. Então, me engajei no Programa UFBA em Campo. Fundamentado na construção solidária de conhecimento, o programa de extensão se constituía de estudantes, professores e lideranças comunitárias, voltadas para o desenvolvimento (interdisciplinar) de ações em contextos comunitários. Minha primeira experiência foi no Centro Histórico de Salvador. Conheci artistas plásticos negros, que viviam em um universo paralelo ao mundo oficial da arte. Agindo nos limites de um projeto universitário, concluímos a atividade refletindo sobre a desconstrução da neutralidade científica, do conhecimento universal e as diversidades de sujeitos viventes no bairro “cartão postal da democracia racial baiana”. E eu, desejando saber mais sobre a produção visual dos afro-brasileiros na Bahia.

Na extensão da UFBA, participei de outra atividade, o Projeto: Paraguauçu – convivência comunidade e universidade, que durou cerca de 04 anos no distrito rural de Santiago de Iguape (Cachoeira-BA). Foi por intermédio desse projeto que a Fundação Cultural Palmares se voltou para a localidade e iniciou o processo de reconhecimento das comunidades remanescentes quilombolas da região. As reflexões daquele contexto me levaram a problematizar a formação do artista visual contemporâneo e a diversidade, cursando o Diplôme d’Etudes Approfondies en Sciences de l’Education na Universidade Lyon 2, na França.

Ao retornar, iniciei minha carreira profissional como docente universitária na rede particular. Nos idos de 2006, segui para o mestrado em Cultura e Sociedade da UFBA intrigada com as estratégias comunitárias de defesa de um monumento natural e histórico, a Pedra do Quilombo Buraco do Tatu ou Pedra de Xangô, em Cajazeiras, periferia de Salvador.

Aproveitei essa experiência atuando no Instituto Anísio Teixeira, órgão da Secretaria da Educação da Bahia, voltado para a formação e aperfeiçoamento de seus profissionais. Coordenei um pioneiro programa de formação para a educação das relações étnico-raciais no estado. Naquele contexto, em 2008, apoiamos a vinda de Angela Davis, Enrique Dussel, Ramon Grosfoguel e outros intelectuais desse campo à Bahia, promovendo conferências ou cursos transmitidos para todo o interior do estado através da rede de videoconferência e de Educação à Distância, mantida pelo governo estadual. Em três anos, formamos cerca de quatro mil educadores para atendimento das leis 10.639/03 e 11.645/08. Essas leis federais exigem o ensino da História da África e dos povos ameríndios, das Culturas afro-brasileira e indígenas em todas as escolas do país. Em 2010, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), órgão ligado à Presidência da República, premiou o referido conjunto de ações, concedendo ao governo da Bahia o Selo Educação Para as Relações Etnicorraciais, honraria destinada às principais iniciativas brasileiras pela igualdade racial no campo da educação. Nosso estado foi o primeiro a ter esse tipo de reconhecimento no país.

No mesmo ano, me tornei docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), Campus Valença. Logo depois, cursei o doutorado em Estudos Étnicos e Africanos na UFBA, focando a arte afro-brasileira contemporânea.

No IF Baiano, colaborei com a criação do seu Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas. Atualmente, desenvolvo pesquisas e projetos de extensão voltados para as Artes visuais, Identidade e Cultura Afro-brasileira, Educação, Ilustração Científica e Território. Coordeno também o curso de especialização em Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-brasileira na Educação (REAFRO), voltado para educadores do Baixo Sul, e um grupo de pesquisa pelo CNPq, o NEABI do IF Baiano. Nessas novas trilhas investigativas, me reencontro nos processos que dão visualidade e visibilidade aos sujeitos, lugares e práticas cotidianas ancestrais do sul da Bahia.

Letras e Músicas



Sobre Tiganá Santana

Nascido na cidade de Salvador (Bahia), o compositor, cantor, instrumentista, poeta, produtor musical, diretor artístico, curador, pesquisador, tradutor e professor da Universidade Federal da Bahia (no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos), Tiganá Santana, iniciou seus estudos musicais de violão aos 14 de anos. Começou a compor ainda nessa fase, após, desde os 9 anos, ter tido a experiência da escrita poética. Aos 11 anos, aliás, venceu um concurso literário na sua escola.

O fato de Tiganá Santana ter sido o primeiro compositor brasileiro, na história fonográfica do país, a apresentar um álbum, como compositor e intérprete, com a presença de canções em línguas africanas, relaciona-se com grande parte do seu trajeto de formação, como também diz respeito aos seus interesses por adentrar mundos e pensares não ocidentais. O álbum mencionado apresenta-se por nome “Maçalê” e foi disponibilizado para o amplo público, digital e fisicamente, entre o final do ano de 2009 e o início do ano de 2010.

A propósito, o artista, ainda na década de 1980, frequentava, muito jovem, as aulas de língua kikongo no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, o que colaborou, fundamentalmente, para a sua criação em período posterior. Em 2013, lançou o segundo registro fonográfico, “The Invention of Color”, que teve, no seu projeto gráfico, aquarelas e desenhos originais concebidos pelo artista-curador Emanuel Araújo. Tal álbum contou com um prêmio concedido pelo Departamento de Cultura da Suécia, país em que foi gravado, que propiciou a realização de todo o seu projeto artístico-musical. Ainda nesse ano, foi contemplado por uma bolsa da UNESCO-Aschberg (Programa de bolsas para artistas e profissionais de cultura), por meio da qual esteve em Residência Artística no Senegal (precisamente, no Espace Sobo Bade, situado na cidade de Toubab Dialaw).

Após 5 meses, ao final da Residência, tendo sido também contemplado pelo Edital Petrobras Cultural, gravou, em conjunto com músicos da África do Oeste (Senegal, Guiné-Conacri e Mali), o álbum duplo que viria a chamar-se “Tempo & Magma”, lançado em 2015, e que teve uma etapa de sua gravação no Brasil para que se configurassem as participações da cantora CéU e da reconhecida escritora-pensadora e sacerdotisa de religião de matriz africana do Ilê Axé Opô Afonjá, Sra. Maria Stella de Azevedo Santos — Mãe Stella de Oxossi. Canções desses dois últimos álbuns figuram entre as mais ouvidas pelo público europeu, segundo os dados do World Music Charts.

Após o lançamento dos seus três primeiros álbuns, Tiganá Santana foi eleito um dos dez músicos fundamentais da música atual brasileira pela conceituada revista inglesa especializada em música, Songlines. Dirigiu a produção artístico-musical de outros projetos, como no caso dos dois últimos álbuns da cantora brasileira Virgínia Rodrigues, “Cada voz é uma mulher” (2019) e “Mama Kalunga” (2015), o qual lhe rendeu o prêmio de melhor cantora no Prêmio da Música Brasileira em 2016. No ano de 2020, lançam-se os álbuns “Vida-Código” — agraciado pelo Edital de Publicação Musical do Departamento de Cultura da Suécia — e “Milagres”, feito sob solicitação de uma gravadora alemã, a Martin Hossbach, para revisitar, hodiernamente, o emblemático álbum “Milagre dos Peixes”, do intérprete e compositor Milton Nascimento, com letras musicais censuradas pelo regime ditatorial militar do Brasil em 1973.

Tiganá Santana possui cinco álbuns lançados — inclusive, o aludido “Vida-Código” (2020) consta entre os melhores álbuns lançados no mundo, entre 2019 e 2020, segundo o Transglobal World Music Chart —, um livro de poesia (“O Oco-transbordo”, de 2013), várias conferências proferidas (em instituições nacionais e internacionais), vários artigos acadêmicos e ensaios publicados, um prêmio de melhor tese de doutorado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPLL), bem como outras honrarias e espetáculos protagonizados ou dirigidos por ele

Teatro



Vera Lopes

Interfaces de uma atriz negra gaúcha

O amplo saguão do Centro Municipal de Cultura ficou pequeno para o tanto de pessoas que, naquela gelada sexta-feira 13, compareceram ao lançamento do livro *Hamlet Sincrético - Em Busca de um Teatro Negro*, no 26º Porto Alegre em Cena - Festival Internacional de Artes Cênicas. Ocasão em que apresentamos a performance-espetáculo *Noite Sincrética* na Sessão Maldita do Festival. O numeroso público que atendeu ao nosso chamado, atestou que o trabalho realizado pelo “Caixa” possui raízes profundas com frutos saborosos e atrativos.

Nascemos como grupo de teatro quando um coletivo de artistas, negras e negros, das mais diferentes áreas do fazer teatral e/ou a ele relacionados, se juntou. Em comum o desejo de levar para os palcos espetáculos que priorizassem a estética negra em sua amplitude. O grupo recebeu o nome de Caixa-Preta e a peça de estreia foi *Transegun*, obra do escritor paulista Cuti-Luis Silva. Fomos muito bem recebidos, em especial pelo público negro, que desde então acompanha as produções do Caixa, se fazendo presente, aplaudindo, incentivando, divulgando.

Nosso segundo espetáculo foi *Hamlet Sincrético*. Divisor de águas no cenário cultural gaúcho, com direção e concepção de Jessé Oliveira, livremente inspirado no clássico de William Shakespeare e estruturado em elementos da cultura e da religiosidade afro-brasileira que serviram de metáfora para construir a narrativa dramática. A ousada montagem, ambientada no Hospital Psiquiátrico São Pedro, causou impacto, chamou a atenção da crítica e potencializou a democratização do espaço cênico. Em cada apresentação, mais de cinquenta por cento dos presentes eram pessoas negras. Novidade estrondosa nas plateias de teatro do sul do país.

Esse feito histórico está relatado no livro *Hamlet Sincrético - Em Busca de um Teatro Negro*, por pessoas que assistiram o espetáculo, pelas atrizes e atores que fizeram parte do elenco, pelo diretor que detalha a concepção, elaboração e o processo de direção. O livro traz também artigos acadêmicos sobre o espetáculo, críticas, algumas matérias publicadas na imprensa, fotos, muitas fotos, lindas fotos e um breve resumo de outras montagens do Caixa-Preta. O livro foi organizado por Jessé Oliveira e Vera Lopes.

O encontro entre diretor e atriz, Jessé e Vera, se deu ao iniciarem as conversas sobre a possibilidade de apresentar um projeto para disputar o edital de fomento a cultura. Depois de alguns encontros, agregando outras pessoas, o projeto foi elaborado, apresentado, defendido e contemplado no Fumproarte - Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística.

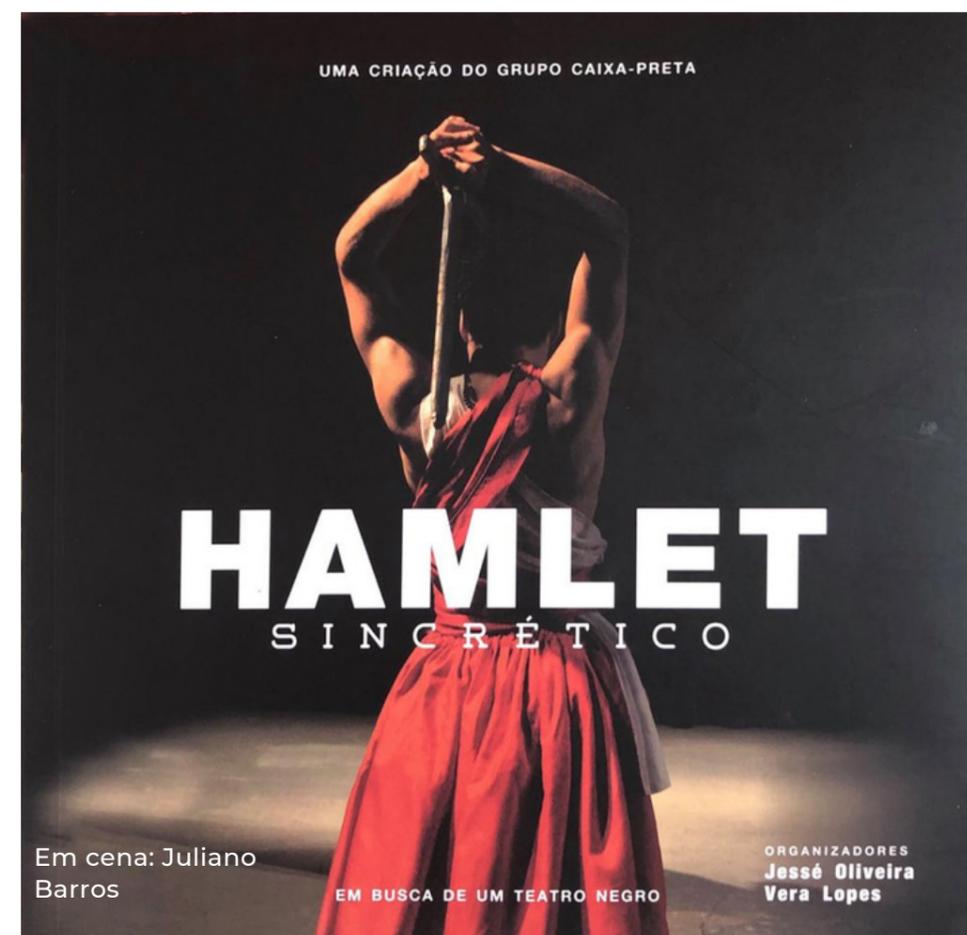
Assim, começávamos a escrever a história do Caixa-Preta, grupo de teatro negro em Porto Alegre, do qual sou uma das fundadoras. Muitas pessoas colaboraram, muitos profissionais passaram pelo Caixa e cada uma/um com seu saber contribuiu para consolidar o grupo como referência negra nas artes cênicas na cidade. Recebemos formação, realizamos formações. Até o momento, foram sete montagens de espetáculos, atuei em dois, a saber, Transegun e Hamlet Sincrético. Participamos de festivais no Brasil e no exterior, recebemos prêmios nacionais e internacionais. Realizamos encontros para discutir a participação negra na cultura, na formação do povo brasileiro. Editamos revista e livro.

Sou atriz com 42 anos ininterruptos de atuação e, num país racista como o nosso, tal fato é um feito. Iniciei no teatro, no ano de 1978, com a peça O pulo do gato, direção de Décio Antunes. No cinema estreei no premiado curta O Dia em que Dorival encarou a Guarda de Jorge Furtado e José Pedro Goulart - 1986. Trabalhei em alguns filmes de curta e longa metragens, fiz foto-novela e propagandas. Montei Recitais Poéticos Musicais, nos quais assino a pesquisa, roteiro e também atuo. Destes, destaque: Batuque tuque tuque, baseado na obra poética de Oliveira Silveira; Quadros, baseado na obra poética de Carolina Maria de Jesus e Minas de Conceição Evaristo, igualmente baseado na obra poética de Conceição Evaristo.

Quando a pandemia se instalou, estava atuando em duas séries, “Nós somos pares” de Camila de Moraes; “ChristiAna” de Roni Nogueira e escalada no elenco da série “Éborá” de Diego Alcântara.

A literatura é um outro espaço de “flerte”. Tenho a honra de ser co-autora do escritor CutiLuis Silva no texto teatral Tenho Medo de Monólogo. Também assumo com Jessé Oliveira a edição da Revista Matriz e a organização do livro Hamlet Sincrético - Em Busca de um Teatro Negro ambos editados pelo Caixa-Preta.

Atualmente estou na gestão do Espaço de Humanidades Ossos 21, no bairro Santo Antonio Além do Carmo, Salvador, Bahia. Sou negra, gaúcha, bacharel em direito, resido em Salvador/BA.





Trajetória do Caixa-Preta:

Em seu repertório o Caixa-Preta tem as encenações de Transegun - 2003. Hamlet Sincrético - 2005. Madrugada Me Proteja - 2006. Antígona BR - 2008. O Osso de Mor Lan - 2010. Dois Nós na Noite - 2010. Ori Oresteia - 2015. Todos os espetáculos com direção de Jessé Oliveira. Realizou o Encontro de Arte de Matriz Africana de 2006 a 2011. Editou a Revista MATRIZ - uma revista de arte negra, nº1 - 2010 e o livro Hamlet Sincrético - Em Busca de um Teatro Negro - 2019.

Atualmente o Grupo Caixa-Preta encontra-se em pausa reflexiva



A Revista Africanidades é uma publicação do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, voltada a divulgação de suas atividades e conteúdos, bem como para o diálogo com autores que tratam de questões relacionadas à memórias e culturas africanas e afro-diaspóricas. Todos os textos de cada edição são protegidos por direitos autorais. As imagens contidas na Revista foram cedidas pelos autores, fazem parte do acervo do MAFRO ou foram retiradas de meios digitais. Algumas vezes não é possível identificar a autoria das mesmas. Caso identifique algumas das imagens que esteja desrespeitando o direito autoral, ou deseje solicitar a identificação de autorias, favor entrar em contato para que sejam tomadas as devidas providências.

Contato: mafro@ufba.br

Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia
Largo do Terreiro de Jesus, S/N. Centro Histórico.
Salvador, Bahia. CEP 40026010



Editor Chefe

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha – Museu Afro-Brasileiro / UFBA

Co-editores

Ilma Vilas Boas – Museu Afro-Brasileiro / UFBA

Morgana d'Ávila - – Museu Afro-Brasileiro / UFBA

Amélia – Museu Afro-Brasileiro / UFBA

Conselho Editorial

Profa. Dra. Anna Paula da Silva – Departamento de Museologia / UFBA

Profa. Dra. Cecília Conceição Moreira Soares – Departamento de História / UNEB

Profa. Dra. Cleidiana Patrícia Costa Ramos – Departamento de História / UNEB

Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto – Faculdade de Ciência da Informação / UNB

Profa. Dra. Florentina da Silva Souza – Instituto de Letras / UFBA

Profa. Dra. Joseania Miranda Freitas – Departamento de Museologia / UFBA

Profa. Dra. Judite Primo – Departamento de Museologia / Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa

Profa. Dra. Luzia Gomes Ferreira – Instituto de Ciências da Arte / UFPA

Profa. Dra. Maria das Graças de Souza Teixeira – Departamento de Museologia / UFBA

Profa. Dra. Maria Cristina de Oliveira Bruno – Museu de Arqueologia e Etnologia / USP

Profa. Dra. Nirlene Nepomuceno – Universidade Federal do ABC